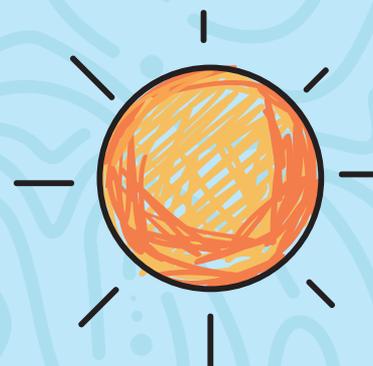


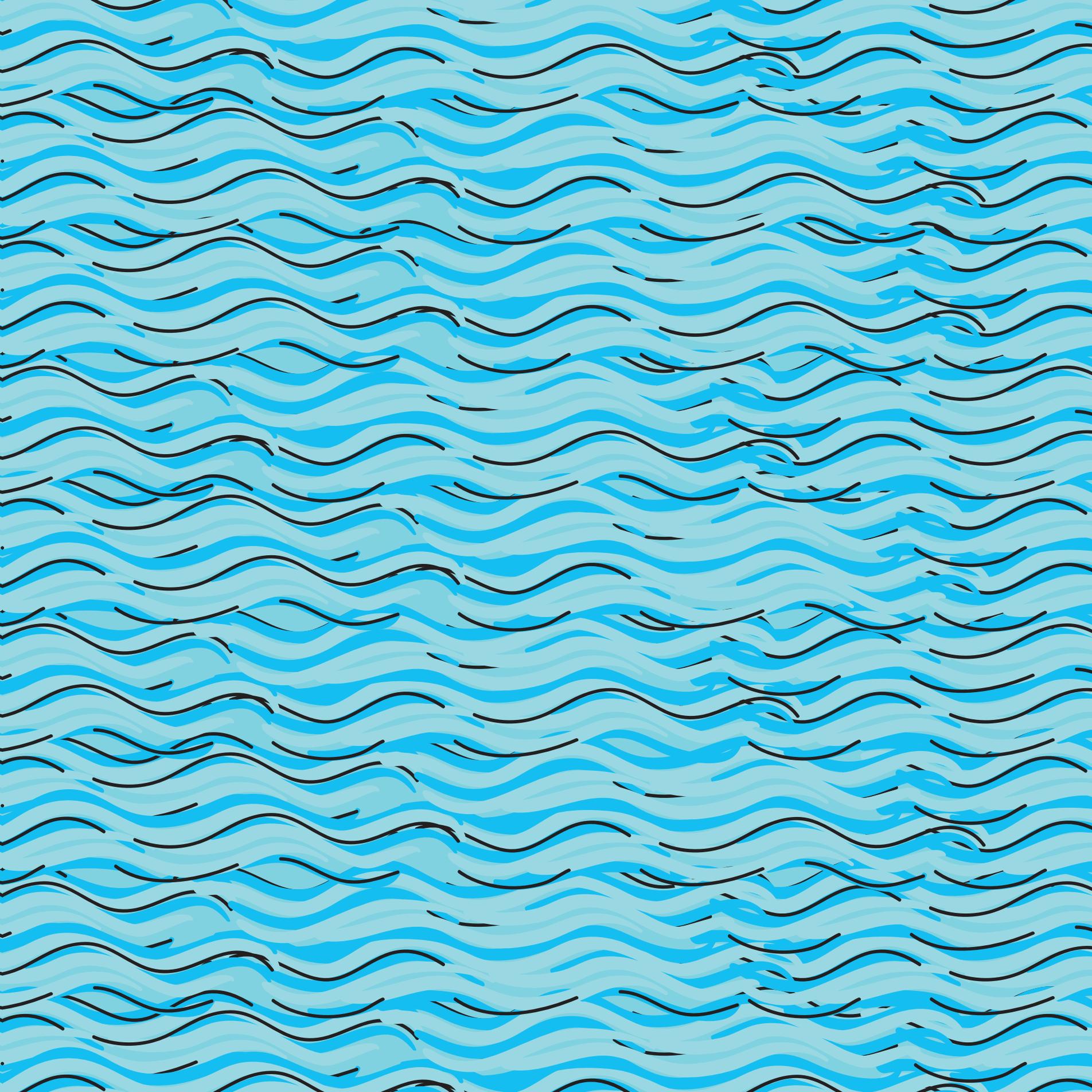
II Festival Literário

FLIPOJUCA



# IPOJUCA: UM MAR DE INSPIRAÇÃO





II Festival Literário

**FLIPOJUCA**

Ipojuca: um mar de inspiração

Ana Catarina Lemos Cabral

Ana Célia Feitoza Guimarães

Ana Cleide da Silva

Juliana Lemos Marinho da Silva

Silvana Gomes Nascimento

Organizadoras

# IPOJUCA: UM MAR DE INSPIRAÇÃO

Textos finalistas

Ilustrações:

SECOM



Gráfica & Editora  
**Quinta** das  
F O N T E S





**Projeto gráfico:**  
Juliana Lemos Marinho da Silva e  
SECOM – Secretaria Especial de Comunicação do Ipojuca

**Capa e ilustrações:**  
SECOM – Secretaria Especial de Comunicação do Ipojuca

**Diagramação, Impressão e Acabamento:**



### Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

II Festival Literário do Ipojuca - Flipojuca  
Ipojuca : um mar de inspiração : textos  
finalistas / organizadoras Ana Catarina Lemos  
Cabral...[et al.] ; ilustrações SECOM. -- 1. ed. --  
Paulista, PE : Gráfica e Editora Nassau, 2023.

Outras organizadoras: Ana Célia Feitoza Guimarães,  
Ana Cleide da Silva, Juliana Lemos Marinho da Silva,  
Silvana Gomes Nascimento.

Vários autores.  
ISBN 978-85-65071-23-9

1. Criação (Literária, artística etc)  
2. Textos - Coletâneas I. Cabral, Ana Catarina Lemos.  
II. Guimarães, Ana Célia Feitoza. III. Silva, Ana  
Cleide da. IV. Silva, Juliana Lemos Marinho da.  
V. Nascimento, Silvana Gomes. VI. SECOM - Secretaria  
Especial de Comunicação do Ipojuca. VII. Título.

23-162069

CDD-801.92

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Criação literária 801.92

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

*Em memória do pequeno Nicolas e da pequena Rita Beatriz.*

**E**sta belíssima obra nos enche de orgulho e satisfação, pois é fruto da continuidade de um trabalho educativo significativo e inspirador, sonhado coletivamente e abraçado com muito carinho e dedicação por estudantes, professores, coordenadores, técnicos educacionais, gestores escolares e pela equipe técnica e pedagógica que integra a Secretaria de Educação do Ipojuca.

*Ipojuca: um mar de inspiração* apresenta uma coletânea de textos de diversos gêneros textuais, produzidos nesta segunda edição do Festival Literário do Ipojuca – Flipojuca, contemplando produções de estudantes — da Educação Infantil, dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e das modalidades da EJA, do Campo e da Educação Especial — e inspiradores relatos das práticas pedagógicas de professoras que nos apresentaram com uma detalhada descrição de como conduziram a produção dos riquíssimos textos literários reproduzidos neste livro.

Sabemos o quão importante é o letramento literário e como o protagonismo é edificante para o desenvolvimento dos nossos estudantes. Por isso, quero agradecer imensamente a todos os envolvidos nas diversas etapas das atividades educativas que resultaram nesta maravilhosa obra literária.

Nossa gratidão especial aos dedicados professores da Rede Municipal de Ensino do Ipojuca e aos nossos queridos estudantes, estes que, ao nos permitir navegar no deslumbrante mar de inspiração ipojucano, através de suas produções, continuam nos motivando e nos permitindo sonhar cada vez mais alto.

Cordialmente,

Francisco Amorim de Brito  
Secretário Municipal de Educação

A 2ª edição do Flipojuca, que trouxe como tema “Ipojuca: um mar de inspiração”, mostrou que a força da coletividade é tão poderosa quanto a das correntes marítimas. Esta encantadora obra, construída por muitas mentes e mãos, reflete o compromisso dos atores educacionais em desenvolver uma educação pública comprometida com a cidadania, autonomia e protagonismo estudantil.

Seja nas turmas de Educação Infantil, Anos Iniciais, Anos Finais, EJA, Educação em Tempo Integral, Educação Especial e Educação do Campo, as produções expressam o zelo, o afeto e a criatividade dos profissionais da educação e estudantes que as compuseram. Mergulharam todos no mar de possibilidades que a literatura pode oferecer, e se tornaram autores das suas e tantas outras histórias que podemos desfrutar através deste livro.

Nossa gratidão às equipes da Secretaria de Educação, por essa iniciativa e pelo empenho e maestria na condução de todo o processo. Somos gratos e orgulhosos pela dedicação de gestores, coordenadores escolares e técnicos educacionais na mobilização, orientação e apoio aos docentes e discentes. Destacamos e expressamos nossa gratidão, respeito e admiração aos professores, que participam duplamente: através dos relatos de suas práticas pedagógicas e, também, pelo trabalho primoroso desenvolvido junto aos estudantes, que culminou nessa obra cujo processo possibilita o letramento literário dos educandos da Rede Municipal do Ipojuca.

Este livro é parte de um sonho que juntos tornamos realidade. Portanto, naveguem, mergulhem, divirtam-se nesse mar de imaginação e criatividade.

Boa leitura!

Com afeto,

Karla Crístian  
Diretora de Desenvolvimento do Ensino

**E**ste livro trata-se de um bem material que, apesar de muito especial, não é suficiente para traduzir integralmente a grandiosidade da segunda edição do Flipojuca — já que o nosso Festival é composto por várias ações, sendo esta publicação apenas uma delas.

Nós que fazemos parte da Coordenação do II Flipojuca temos muitos motivos para comemorar a continuidade do Festival em 2023. O incremento no número de unidades de ensino participantes e na quantidade de textos inscritos, a qualidade dos processos pedagógicos em sala de aula e o capricho das produções textuais nos deixaram orgulhosas e animadas para novas edições!

Gostaríamos de registrar aqui votos de gratidão aos nossos estudantes por nos oferecer textos incríveis, aos nossos professores que tanto se dedicaram para oportunizar práticas interessantes de letramento literário, aos nossos coordenadores, técnicos educacionais, gestores, adjuntos e demais profissionais que integram as unidades de ensino, aos colegas técnicos da SEDUC que prestaram apoios em várias frentes e à Secretaria Municipal de Educação por propiciar a publicação desta obra... agradecemos a toda a rede pela mobilização e pelo engajamento.

Nossos agradecimentos também à Secretaria Especial de Comunicação pela arte da capa e pela ilustrações que trouxeram a identidade visual e a beleza que precisávamos neste projeto gráfico.

As produções selecionadas para compor esta obra — 34 textos no total — estão organizadas de acordo com os gêneros textuais. Na seção **Reconto**, constam 5 produções da Educação Infantil e 5 dos 1<sup>os</sup> e 2<sup>os</sup> anos. Em **Quadrinha**, temos 4 produções dos 3<sup>os</sup> anos. Em **Poema**, há 4 produções dos 4<sup>os</sup> e 5<sup>os</sup> anos e 4 produções das EJAs I e II. Em **Memórias Literárias**, constam 3 produções dos 6<sup>os</sup> e 7<sup>os</sup> anos e 3 produções das EJAs III e IV. Em **Crônica**, temos 3 produções dos 8<sup>os</sup> e 9<sup>os</sup> anos. Por último, na seção **Relato de Prática**, há 3 produções de professoras da nossa rede, mostrando o passo a passo de suas intervenções pedagógicas no decorrer do Festival.

Ao longo das vivências do II Flipojuca, nossos estudantes mergulharam numa vastidão de significados e de ressignificações, pois as práticas de criação literária foram inspiradas nos encantos do Ipojuca, tendo como ponto de partida o mar, seja em sua representação literal — como elemento imponente que compõe as paisagens das belas praias que temos e que molda jeitos ipojuicanos de ser e de sentir — seja em sentido figurado — como quando reconhecemos a imensidão de cana que banha nosso território, por exemplo. Os tantos sentidos criados, nos textos que você vai conhecer, são uma demonstração de como a literatura nos leva a mergulhar em um oceano de possibilidades estéticas e criativas.

A você, querido leitor, desejamos um excelente mergulho nestes textos que são puro mar de beleza e de imaginação.

Coordenação do II Flipojuca

# SUMÁRIO

## RECONTO

Os Três Porquinhos na Praia de Porto de Galinhas .....	12	
As Aventuras da Pequena Sereia de Maracaípe .....		14
Os Três Peixinhos no Fundo do Mar .....	16	
Biquinho Vermelho .....		18
A Tartaruguinha Desengonçada .....	20	
João e O Pé de Manguezal .....		22
João e Maria Desfrutando As Belezas do Litoral Ipojucano .....	24	
Os Três Porquinhos .....		26
A Pequena Sereia e A Coleta Seletiva .....	28	
No Reino das Águas Claras de Muro Alto .....		30

## QUADRINHA

A Escolinha do Fundo do Mar .....		34
Encantar .....	35	
Amar O Mar .....		36
A Concha do Mar .....	37	

## POEMA

Meu Lindo Pontal de Maracaípe .....		40
Ipojuca, Um Mar de Emoções .....	41	
Um Mar de Belezas .....		42
Praia de Porto de Galinhas.....	43	

44	.....Ipojuca, Meu Mar
45	..... O Mar que Dá
46	..... Do Meu Quintal
47	..... O Mar de Porto, Maracaípe e Eu

**MEMÓRIAS LITERÁRIAS**

50	..... Memórias de Um Paraíso
51	..... Somos Herança da Memória
52	..... Memórias de Uma Tarde Especial
53	..... As Ondas do Mar da Vida: É Preciso Navegar!
55	..... Imagine Todas As Formas de Amar
56	..... Por Amor ao Mar

**CRÔNICA**

60	..... Observando .
61	..... Mar de Conscientização
63	..... O Mar e Eu

**RELATO DE PRÁTICA**

66	..... O Conto e O Reconto na Educação Infantil
70	..... Teimando, Acreditando e Produzindo Com A EJA
74	..... Um Mar de Cronistas



# RECONTO

Nesta seção, você irá ler recontos de obras da literatura infantil produzidos coletivamente pelos estudantes da educação infantil e dos 1º e 2º anos do ensino fundamental, tendo suas professoras como escribas. As crianças, a partir do tema “Ipojuca: um mar de inspiração”, recriaram histórias conhecidas, alterando o enredo, trazendo novas personagens ou mudando suas características, modificando os lugares da narrativa..., mas respeitando o tipo de linguagem, as marcas do gênero e sua estrutura, ou seja, mantendo o vínculo com os textos originais.

O cenário didático através da produção textual do gênero reconto foi o da imaginação e o do lúdico. Essa atividade contribuiu para as crianças desenvolverem habilidades de escrita, leitura e oralidade. Além disso, os estudantes produziram imagens, por meio da técnica de colagem, relacionados à temática de cada reconto produzido. Vejamos os quão significativos, criativos e artísticos ficaram os textos e as colagens dessas turminhas!

## Os Três Porquinhos na Praia de Porto de Galinhas

Ágatha Gabrielly de Oliveira Silva, Ágatha Sofia da Silva Andrade, Ana Lídia França, Benício Miguel Fernandes Soares, Bruna Sophia da Silva, Geovana Vitória Alves da Silva, João Vinícius de Oliveira Durval, Lauryelle Beatriz Porfírio Alves, Maria Helena Souza de Carvalho, Maria Manuela dos Santos Silva, Nayslla Antonielle Ferreira da Silva, Thayla Beatriz dos Santos Silva, Walisson Lucas da Silva Lima e Yago Samuel da Silva

Era uma vez três porquinhos chamados Benício, Yago e João. Um certo dia, eles resolveram pescar na Praia de Porto de Galinhas. De repente, João, o irmão mais velho, teve uma ideia brilhante de construir sua casa na beira-mar. Seus irmãos amaram a ideia e logo foram atrás de materiais para fazer as casas.

João disse que faria sua casa de conchinhas do mar. Seus irmãos riram e disseram que areia e palha eram mais simples. Enquanto João trabalhava muito para encontrar as conchinhas, seus irmãos fizeram suas casas depressa e foram aproveitar a praia.

Em uma certa noite, a maré encheu e apareceu um tubarão mau.

A primeira casa que ele bateu foi a de areia e queria entrar, mas o porquinho Benício não abriu a porta. Então o tubarão mau estufou o peito e soprou forte. A casa voou pelos ares e o porquinho correu para a casa de palha.

O tubarão mau chegou na casa de palha de Yago e gritou, mas ninguém abriu. Ele soprou e tudo voou. Os porquinhos correram para casa de conchinha.

O tubarão mau fez o mesmo e nada aconteceu: a casa continuava firme. Como o porquinho era esperto, deixou uma rede armada na varanda. Quando o tubarão pisou na rede, foi capturado.

Os três porquinhos ficaram juntos e seguros na casa de conchinhas e, assim, viveram felizes para sempre.



Escola Mun. Maria Dubeux de Lourdes Dourado / Infantil V C / Profa. Gerenice M.<sup>a</sup> S. de Carvalho

## As Aventuras da Pequena Sereia de Maracaípe

Arthur Miguel Pio Silva, Ayla Cecília Muniz da Silva, Débora Lohany Cavalcante de Lima, Kemilly Bravannelly da Silva Sales, Maria Antônia Bastos Chalaça, Matheus Pimentel do Nascimento, Rebeca Miranda Cavalcanti, Rudá Ferreira Rocha Padilha, Thayllane Ysabel da Silva Lima, Vicente Miglioli Caldas e Yego Daniel Domingos da Saúde

Era uma vez uma linda Sereia que morava no mar de Maracaípe. Ela tinha muitos amiguinhos: o Golfinho, os Caranguejos, dona Baleia, a senhorita Polvo, o senhor Cavalo Marinho e os Peixinhos. Todos viviam em perfeita harmonia.

Até que num dia chegou um pescador para morar no Pontal de Maracaípe. Ele saía para pescar toda semana. Em seu barco, levava todo material de pesca e um saco cheio de lixo. Seu Golfinho veio ver o pescador jogando lixo no mar e falou que a Sereia não ia gostar do que ele estava fazendo:

— Ela vai cantar e as águas do mar vão se agitar.

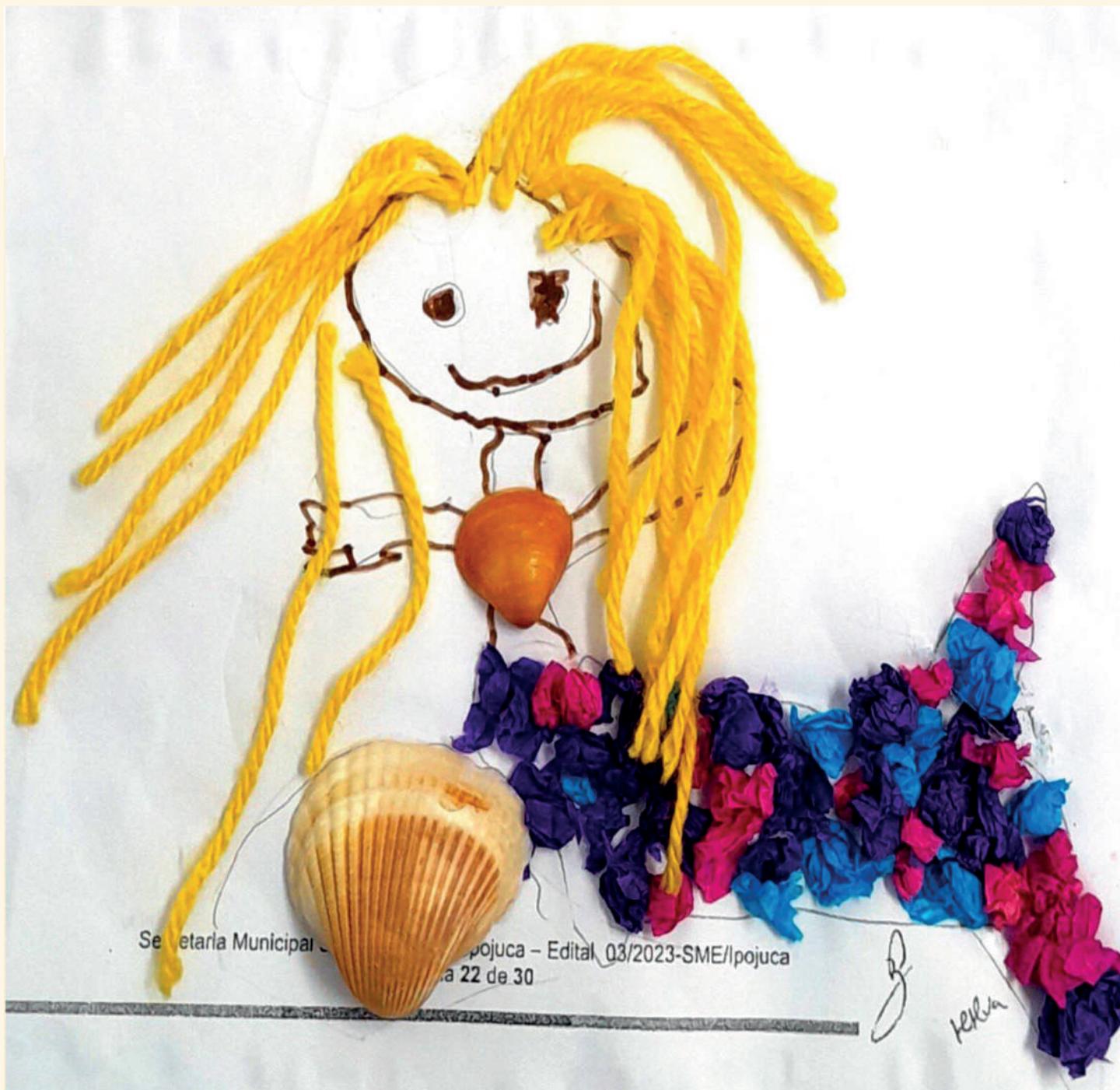
E assim aconteceu. A Sereia resolveu dar uma lição naquele pescador. Ela cantou:

— Lá, lá, lá...

A ventania chegou com ondas fortes e o barco virou. O pescador caiu no mar e percebeu que agora tinha uma cauda de peixe. Ao olhar ao seu redor, viu que não estava só: havia muitos bichinhos que se sentiam tristes com aquele lixo todo.

Então ele resolveu fazer uma limpeza e conseguiu tirar toda a sujeira que estava lá. A Sereia, ao vê-lo arrependido, desfez o feitiço e o homem voltou feliz para seu barco.

A Sereia e os bichinhos viveram felizes para sempre.



EMEI Alzira Maria da Silva Chalaça / Infantil IV A / Profa. Vera Lúcia Maria da Silva

## Os Três Peixinhos no Fundo do Mar

Arthur Miguel da Silva Souza, Arthur Miguel de Melo Alves, Christiano Gabriell da Silva, Dhyanna Sophya Barros Moura dos Santos, Diego José da Silva, Esther Leticia Coelho da Silva, Hianna Isabelle da Silva Santos, João Gabriel da Silva Nascimento, José Benjamym Oliveira Santos, Laura Lavinnya Cardosos Santos, Lays Marcela Vicente Botelho da Silva, Maryeli Maria da Silva, Melissa Emanuely Soares dos Santos, Nicholas Mateus Firmino da Silva e Sarah Valentina dos Santos

Era uma vez três peixinhos: Lino, Nico e Leno. Lino morava em uma ostra, Nico em um castelo de areia e Leno em uma casa feita com algas; todos viviam felizes. Até que um dia, Lino, Nico e Leno perceberam que um tubarão malvado estava observando toda aquela redondeza onde os três peixinhos moravam e isso deixou os irmãos muito preocupados, pois eles não sabiam o que esse tubarão pretendia.

Passaram-se semanas, meses, e o tubarão não parava de rodear o lugar onde os peixinhos viviam. Um dia o tubarão foi até a casa de Leno e disse:

– Peixinho, saia de sua casa! Eu vou ocupar esse lugar!

Leno respondeu:

– Não vou sair! Aqui é meu lar!

Então o tubarão respondeu que bateria com sua cauda e derrubaria a casa de Leno. E assim o fez, destruindo a casa do peixinho, que era feita de algas. Leno, desesperado, correu para a casa do seu irmão Nico. O tubarão furioso foi atrás de Leno e disse:

– Saiam dessa casa! Eu vou ocupar esse lugar!

Leno e Nico responderam:

– Não vamos sair! Aqui é o nosso lugar!

O tubarão respondeu:

– Então vou bater com a minha cauda e vou derrubar essa casa!

E assim o tubarão destruiu a casa de Nico, que era feita de areia. Então,

desesperados, Nico e Leno correram para a casa de Lino. O tubarão ainda mais furioso, correu atrás dos irmãos peixinhos. Chegando lá, ele disse:

– Saíam todos dessa casa, que esse lugar eu vou ocupar!

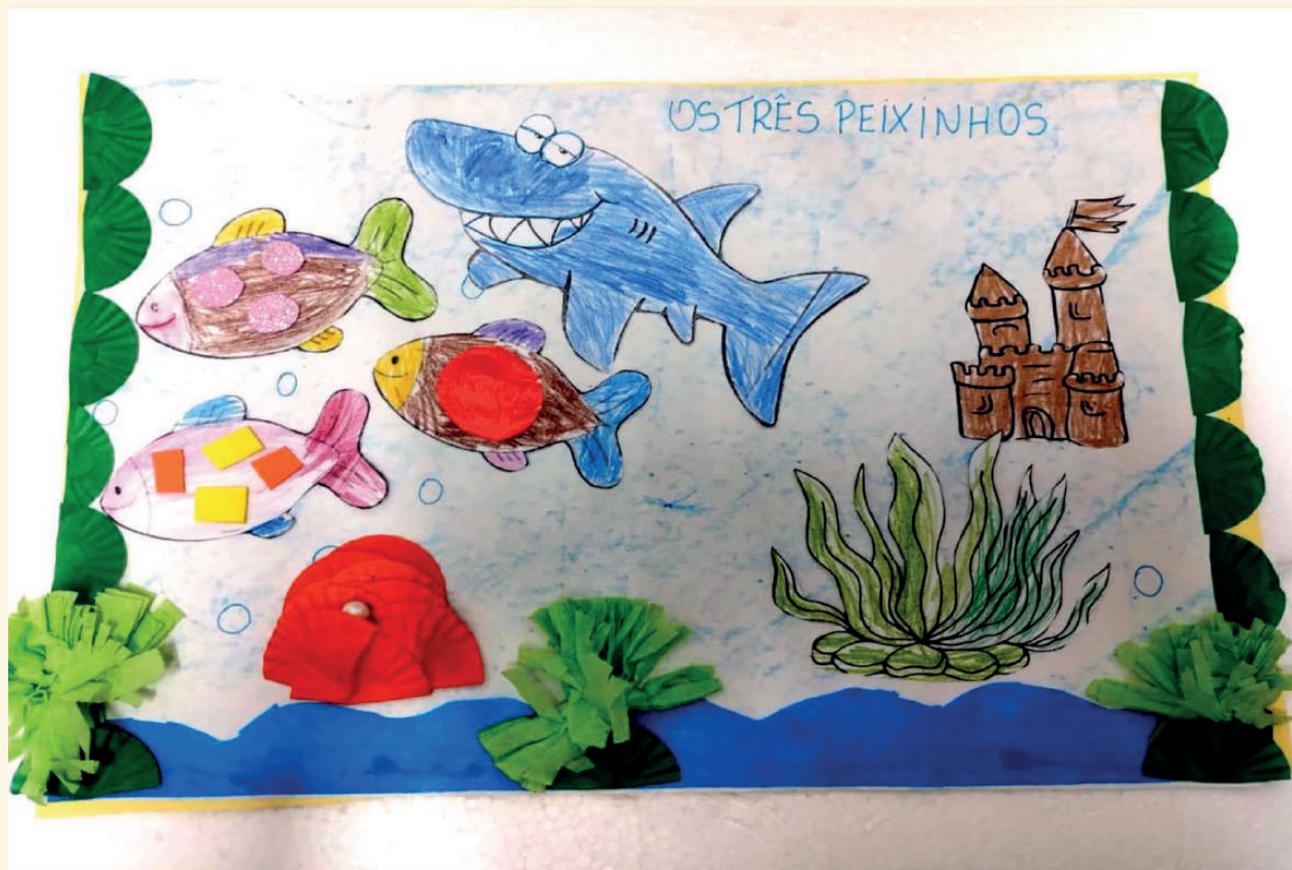
E os três peixinhos responderam:

– Não vamos sair, pois aqui é nosso lugar!

Então o tubarão respondeu:

– Vou bater com minha cauda e vou derrubar essa casa!

O tubarão bateu com a cauda, porém a casa não foi derrubada. Então ele tentou outra vez e não conseguiu novamente, até que ficou cansado e resolveu ir embora. E assim os três peixinhos foram felizes para sempre.



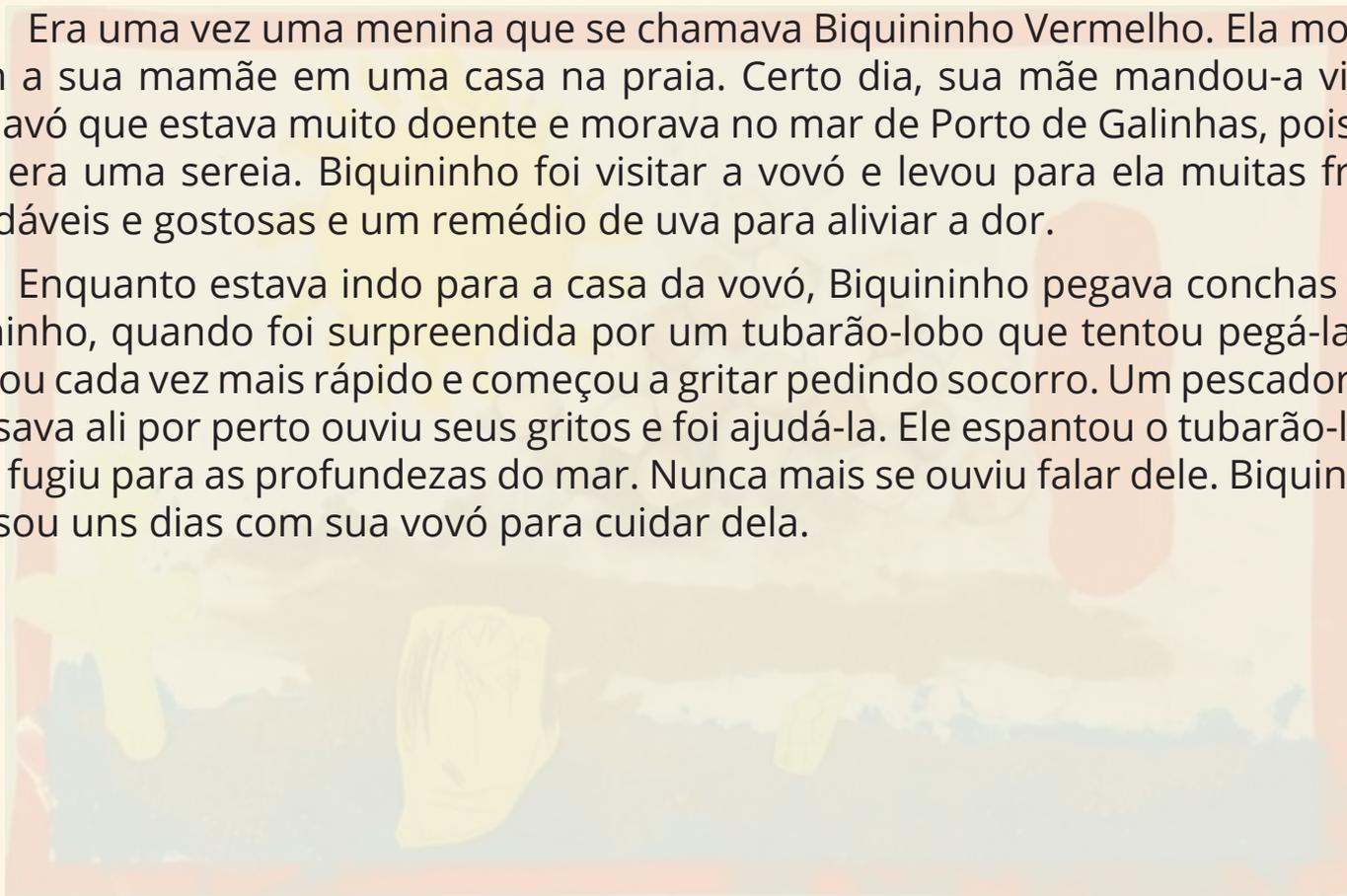
Escola Mun. Jesus Nazareno / Infantil IV A / Profa. Ruticlecia Queiroz da Silva

**Biquininho Vermelho**

Eloá Manoela da Silva, Eloisa Vitoria Maria da Silva, Emanuelle Isadora de Santana, Ester Vitória Xavier de Souza, João Miguel José de Souza Melo, Lavynya Victória da Silva, Luana Franciele da Silva, Lucas Gabriel dos Santos, Nayla Izabella Batista da Silva, Thomaz Hernandez da Silva e Ytalo João de Santana de Souza

Era uma vez uma menina que se chamava Biquininho Vermelho. Ela morava com a sua mamãe em uma casa na praia. Certo dia, sua mãe mandou-a visitar sua avó que estava muito doente e morava no mar de Porto de Galinhas, pois sua avó era uma sereia. Biquininho foi visitar a vovó e levou para ela muitas frutas saudáveis e gostosas e um remédio de uva para aliviar a dor.

Enquanto estava indo para a casa da vovó, Biquininho pegava conchas pelo caminho, quando foi surpreendida por um tubarão-lobo que tentou pegá-la. Ela nadou cada vez mais rápido e começou a gritar pedindo socorro. Um pescador que passava ali por perto ouviu seus gritos e foi ajudá-la. Ele espantou o tubarão-lobo, que fugiu para as profundezas do mar. Nunca mais se ouviu falar dele. Biquininho passou uns dias com sua vovó para cuidar dela.





Escola Mun. São Tomé / Infantil IV e V / Profa. Lucivania Feitosa de Santana

## A Tartaruginha Desengonçada

Abner Levi Galdino da Silva, Abraão Lucas Carvalho da Silva, Agatha Gabrielly Amaro da Silva, Allana Lais Silva de Lima, Catalina Olmos, Christian Bernardo Cândido dos Santos, Davi Miguel Silva de Melo, Eloísa Gabrielly Melo de Oliveira, Heverly Malú da Silva, Lara Luíza Gomes da Silva, Louyse Cecília da Silva Cerqueira e Théo Hyan Moura Silva

Era uma vez uma linda tartaruga que, muito orgulhosa, desovou seus ovinhos na Praia do Cupe para serem chocados. Passado algum tempo, os ovinhos começaram a se quebrar: as tartaruginhas nasceram e seguiram em direção ao mar.

Ao encontrar seus filhotes, a mamãe tartaruga logo percebeu que um deles nadava de forma diferente. Quanto mais o tempo passava, mais diferente ficava. Os peixes, o polvo e até a estrela-do-mar maltratavam-na e sempre diziam que ela era muito estranha.

Muito triste, a tartaruginha resolveu ir embora do mar do Cupe. Ela fugiu para Porto de Galinhas, onde encontrou outras tartaruginhas que também a receberam com zombaria. Então, ela continuou fugindo.

E quando ela chegou em Maracaípe encontrou um bondoso cavalo marinho, que a recebeu com alegria. Ela pensou que finalmente teria encontrado um lar, mas logo chegou um caranguejo muito malvado e tratou de mandar a tartaruginha embora. Ela seguiu nadando, solitária.

Foi quando encontrou um grande grupo de tartarugas nadando em alto-mar em Toquinho e foi acolhida por todos, que perceberam a sua nadadeira mais curtinha, mas que não impedia que ela nadasse até muito melhor que as outras tartaruginhas.

— Nooooooossa! Como eu nado com elegância!

Apartir daquele dia, nunca mais a tartaruginha sentiu-se sozinha e finalmente encontrou uma família que a aceitou do jeitinho que ela nasceu.



EMEI Porto de Galinhas / Infantil III D / Profa. Maria Betânia Januário de Souza

## João e O Pé de Manguezal

Adeilson José da Silva Filho, Clara Sophia da Silva, Dafny Lorrany Silva de Lima, Enzo Gabriel Conceição da Silva, Erlane Rhilary de Lima, Fabrício Gabriel Silva de Araújo, Lívia Alves de Souza, Lorena Araújo Alves, Maria Laís Alves da Silva, Mikael Justino da Silva, Oliver Araújo Silva, Pâmella Silva Correia, Rhyanna Evellyn Gomes da Silva, Sophia Vitória Martins de Albuquerque e Yasmin Sophia da Silva Santos

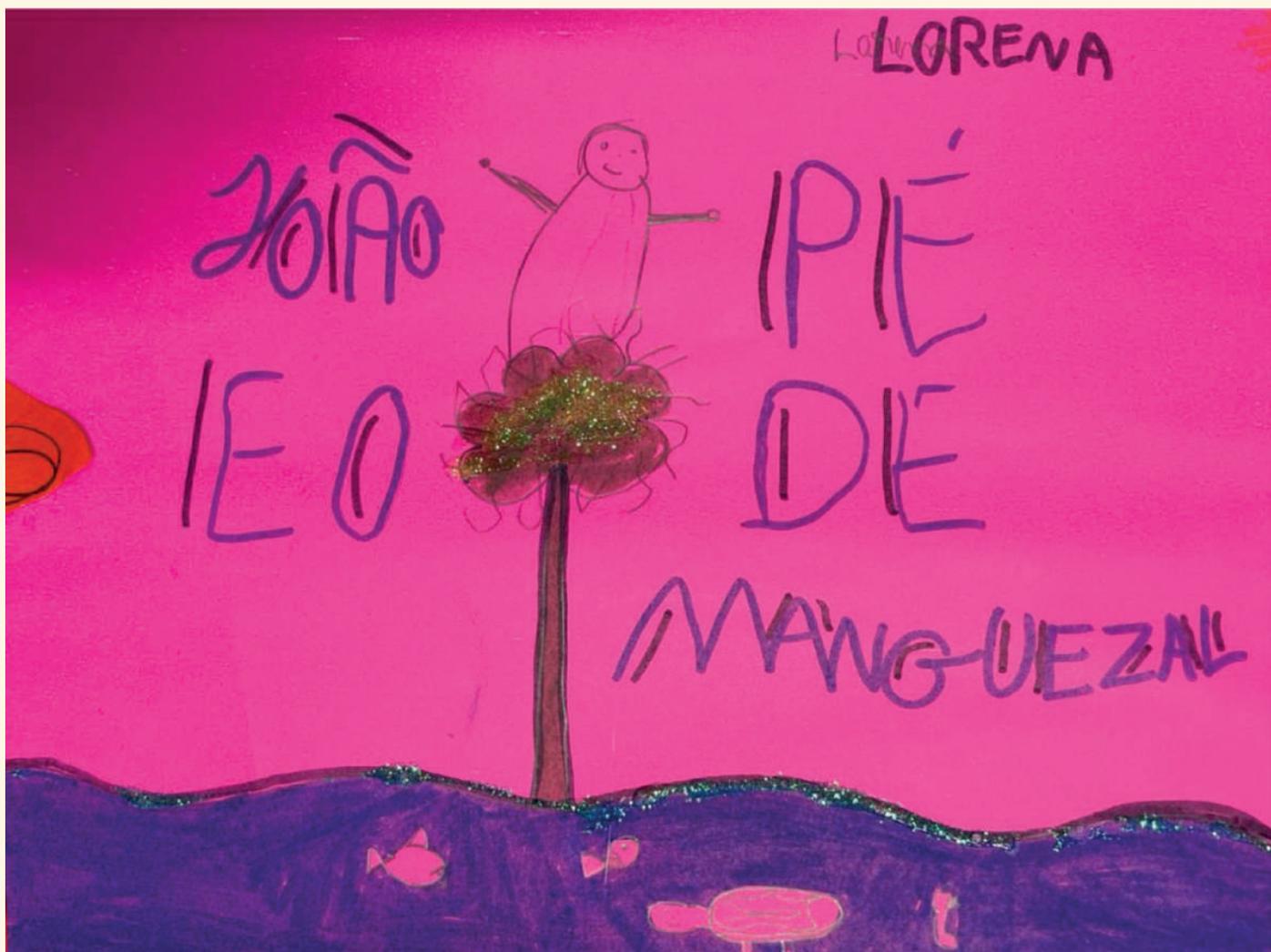
Era uma vez um menino chamado João. Ele morava com a mãe numa casa bem humilde próximo à Praia de Serrambi. Certo dia, a mamãe de João pediu para ele vender uns peixes. No meio do caminho, João encontrou um senhor que queria trocar seus peixes por sementes. O senhor falou que as sementes eram mágicas e que nunca mais João e sua mãe iriam passar fome.

João voltou para casa todo feliz da vida e mostrou para sua mãe as sementes mágicas. A mamãe de João ficou furiosa e jogou as sementes pela janela.

Na manhã seguinte, João acordou com uma fome danada e olhou pela janela do seu quarto. Ele ficou assustado quando viu aquela enorme árvore. E ele descobriu que era um grande pé de manguezal.

João ficou muito feliz e resolveu explorar as riquezas do manguezal. Subiu na árvore e percebeu que havia vários animais marinhos naquele lugar como: cavalos marinhos, siris, caranguejos, peixes e tantos outros animais. Mas o que preocupou João foi um gigante malvado que estava poluindo o mangue. Os animais que ali habitavam estavam sofrendo com a poluição.

João, muito esperto, pensou por um instante e resolveu expulsar o gigante malvado. E, junto com a sua mamãe, resolveram ser os guardiões daquele manguezal. E todos foram felizes para sempre!



Escola Mun. Maria de Lourdes Dubeux Dourado / 2º A / Profa. Janaina Cabral do Nascimento de Luna

## João e Maria Desfrutando As Belezas do Litoral Ipojucano

Aderllayni Safira da Silva, Ana Sophia da Silva, Analice da Silva Santos, Anthony Guilherme Dias Alves, Chrystyan Rhobert Correia da Silva Dantas, Davi José Ribeiro da Silva, Deyvison Kalebe Teixeira da Silva, Douglas Fernando Alves da Silva, Ester Vitoria da Silva Martins, Heloisa Beatriz dos Santos Souza, Isabella Valentina de Jesus Silva, Jaismim Vitoria da Silva Andrade, José Miguel da Silva, José Nikollas Gabriel dos Santos, Laura Beatriz da Silva, Laura Vitória Vieira da Silva, Maria Helena Santana de Araújo, Marielly Santana de Souza, Matheus Henrique de Lima Alves, Nicolás Davi da Silva, Pedro Emanuel Silva, Ranara Riana da Silva Ramos e Tiago da Saúde Amaral

Era uma vez dois irmãos que foram passear no litoral de Ipojuca com seus pais para aproveitar as férias de verão. Decidiram conhecer Porto de Galinhas. Chegando lá, ficaram encantados com tantas belezas. Saíram caminhando, caminhando, sem seus pais perceberem. Quando se deram conta da distância, já estavam muito longe deles.

Os irmãos eram muito espertos: pegaram um monte de conchinhas para marcar o caminho por onde eles passaram pela praia para conseguirem voltar. E saíram andando. Pela frente encontraram um pescador que prometeu deixar o passeio mais interessante, levando-os para conhecer as piscinas naturais.

Foram navegando e chegaram em um lugar lindo no fundo do mar, cheio de peixinhos coloridos, algas marinhas e recife de corais. De repente, apareceu um peixe-boi. Ficaram assustados! Nesse momento pediram para voltar para a areia, mas tinham que esperar o passeio terminar.

O sol já estava se pondo. Quando eles chegaram na beira da praia, infelizmente as conchinhas que marcavam o caminho de volta já não estavam mais lá. Ficaram muito tristes e começaram a chorar. Seus pais estavam desesperados à procura das crianças.

João e Maria, os dois irmãos, encontraram seus pais. Estavam muito cansados, mas muito felizes com a beleza da praia e muito alegres.

Na manhã seguinte, João e Maria contaram aos pais com detalhes tudo que viram e falaram das maravilhas e da riqueza das profundezas do mar de Porto de Galinhas.



Escola Mun. Agro Urbana / 2º B / Profa. Lucineide Maria da Silva Oliveira

## Os Três Porquinhos

Alana Jamily Silva de Jesus, Catarina Santos de Mendonça Kunst, Cecília Gabrielly Miranda da Silva, Davi Simão Ferreira, Evilly Gabriela Cardoso da Silva, Ezequiel Henrique Silva Pereira, Heloiza Cavalcanti de Lima, Júlia Sabrina de Souza Santos, Marina Eloá Souza da Paz e Miguel de Oliveira Neves

Era uma vez três porquinhos, e eles resolveram fazer uma aventura no mar. O primeiro porquinho fez seu barquinho de plástico com garrafas pet, o segundo porquinho fez seu barquinho de palitos de picolé e o terceiro porquinho fez seu barquinho de conchinhas do mar. Todos eles capricharam bastante em seus barquinhos e começaram a incrível aventura no litoral de Ipojuca.

Ao entrarem no mar, os porquinhos ficaram muito entusiasmados e felizes: comiam, bebiam e jogavam todo lixo no mar. Seus planos eram mergulhar nas piscinas naturais de Porto de Galinhas e ver os diversos tipos de peixes.

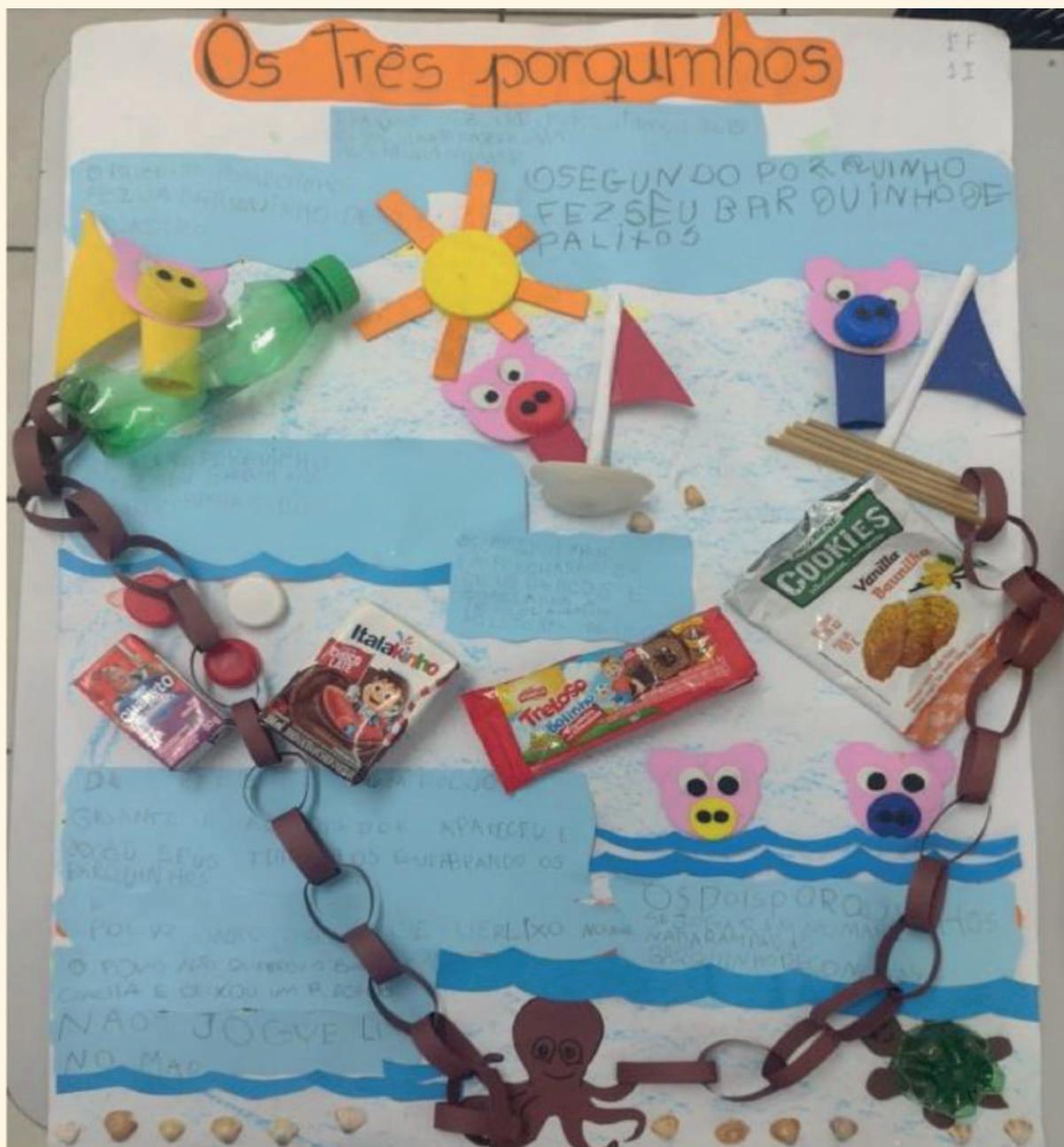
De repente, os barcos começaram a balançar e os porquinhos ficaram com muito medo. Ao olharem para o mar, viram um polvo gigante e assustador, então se seguraram em

seus barcos o mais forte que puderam. O polvo foi na direção do barquinho de plástico e segurou-o fortemente com seus tentáculos até quebrá-lo todo. O porquinho pulou na água e nadou até o segundo barco.

Não estando satisfeito, o polvo seguiu para o barquinho de palitos de picolé e, jogando seus tentáculos furiosamente, quebrou-o todo. Os dois porquinhos, sem saberem o que fazer, jogaram-se na água e nadaram até o barquinho feito de conchinhas do mar. O polvo gigante e assustador não estava gostando de ver seu território invadido por lixos que prejudicam toda a vida marinha.

Os porquinhos subiram no terceiro barquinho e ficaram esperando o ataque, mas ele não aconteceu. O polvo apareceu apenas para deixar um recado: **NÃO JOGUEM LIXO NO MAR! PERMITAM-NOS VIVER!**

O polvo partiu, deixando apenas o barquinho de conchinhas de pé. Os porquinhos aprenderam a lição e continuaram a aventura, mas, dessa vez, sem jogar lixo no mar.



Escola Mun. Profa. Amara Josefa da Silva / 1º F e 1º I / Profas. Claudia Suzana da Silva Oliveira e Magali Araújo de Albuquerque

## A Pequena Sereia e A Coleta Seletiva

Deyvid José de Barros, Elaine Sophia da Silva, Janielly Lira de Barros, Joaquim Kadu dos Santos, Ketily Franciele da Silva, Lais Beatriz da Silva, Luana Maria da Rocha, Luiz Henrique da Silva, Phietro Mateus dos Santos Silva, Rauane Sofia dos Santos, Reynan Bernardo da Silva e Stefany Vitoria de Andrade Silva

Era uma vez uma sereia que tinha uma linda voz e morava no fundo do mar com sua família e seus amiguinhos marinhos: os peixinhos, a baleia, a lagosta e o golfinho.

Certo dia, ela estava brincando com seus amiguinhos, quando, de repente, apareceu um saco de pipoca no fundo do mar. Eles achavam que era algum objeto encantado. Outros objetos foram aparecendo, quando seu amiguinho, o peixinho Minguado, engoliu um vidro pensando que era algum alimento e ficou engasgado.

Todos ficaram desesperados, mas conseguiram ajudar o peixinho. A pequena sereia foi até a superfície do mar para tentar descobrir o que estava acontecendo. Foi quando ela viu uma praia muito linda chamada Porto de Galinhas. Era uma praia que parecia um lugar encantado com um lindo sol, piscinas naturais e muita água de coco. Infelizmente, havia um grupinho de pessoas que estavam jogando todo tipo de lixo na areia e no mar. A pequena sereia pensou de que forma ela poderia ajudar, mas ela não era humana, não podia chegar na areia e conversar com os humanos.

Foi quando ela teve uma ideia. Voltou para o fundo do mar e pediu para a bruxa dar

pernas a ela e transformá-la em humana. A bruxa concordou, mas avisou que se ela não conseguisse resolver a situação, ficaria com pernas para sempre e deixaria todos os seus amiguinhos do fundo do mar. A pequena sereia ficou muito triste, mas pelo bem da humanidade, aceitou. E assim foi feito!

Com suas novas pernas, ela foi até a praia tentar convencer as pessoas de que jogar lixo no mar era errado, mas as pessoas ignoraram-na. Foi quando ela encontrou um mototáxi, pai de uma aluna da escola São Tomé e ele disse à pequena sereia que sua filha e seus coleguinhas estavam fazendo um trabalho

muito interessante sobre a coleta seletiva e a preservação do meio ambiente. O mototáxi levou-a até o engenho Pindoba para conhecer o trabalho das crianças.

Ao chegar ao engenho, a sereia ficou encantada e falou para as crianças que elas precisavam ajudar nessa operação limpeza, já que a praia de Porto de Galinhas era uma das belas riquezas do município do Ipojuca onde eles moravam. As crianças aceitaram e foram todos juntos com a pequena sereia para Porto de Galinhas na missão de fazer um trabalho de conscientização sobre a importância da coleta seletiva e da preservação do meio ambiente.

Chegando lá, as crianças começaram a cantar uma paródia da coleta seletiva: “Patinho colorido”. A música chamou tanto a atenção das pessoas que todos foram olhar a apresentação e começaram a entender a importância de deixar o meio ambiente limpo. As crianças, a sereia e todas as pessoas fizeram um mutirão e limparam toda a praia, colocando o lixo no lugar certo.

A pequena sereia voltou para o mar muito feliz, pois tinha conseguido sua missão. As crianças voltaram para a escola e as pessoas ficaram na praia, curtindo o sol e a beleza de Porto de Galinhas em um ambiente muito limpo.



Escola Mun. São Tomé / 1º e 2º / Profa. Líbia Manuela Bonfim

## No Reino das Águas Claras de Muro Alto

Anna Alice Barbosa Nunes e Lima, Áquila Lavínia Severo da Silva, Arthur Vinicius Santos de Castro, Bruno Gabriel da Silva, Cecília Gabriele Moreira da Silva, Ester Vitória de Aquino, Evely Thayná Ferreira Bernardino da Silva, Ingrid Beatriz Macena Ferreira, Isabela de Melo Barbosa, João Henrique Moraes da Silva, Joaquim Domingos dos Santos, Julia Aryelly da Silva Mendes, Karina Victoria Alves da Silva, Lara Beatriz Ferreira Albuquerque, Maria Lucia Gomes da Silva, Maria Vitória da Silva, Pedro Emanuel Sena das Chagas Oliveira, Pedro Henrique Durval Silva, Pedro Kaique Alves do Monte, Samuel Henrique Lopes da Silva, Samuel Morais Cavalcanti Silva e Tarcila Eduarda Silva

Em uma tarde ensolarada no sítio da Vovó Benta, Narizinho resolveu dar uma volta com sua boneca Emília para apreciar a natureza. De repente Narizinho, de tanto andar, adormece e é acordada por um peixinho chamado Escamado. Ele era o rei do Reino das Águas Claras de Ipojuca. O reino era bastante encantador, de águas puras e cristalinas com grandes falésias que formam um paredão de arrecifes, que fica localizado na Praia de Muro Alto, em Ipojuca. Um reino bem próximo à Praia de Porto de Galinhas, frequentada por diversos turistas.

O peixinho Escamado encantou-se pela beleza de Narizinho e fez um convite irrecusável para ela: conhecer o grandioso reino de Muro Alto. Narizinho, por sua vez, aceitou o convite e pediu para levar sua vovó Dona Benta, seu primo Pedrinho e Tia Nastácia para também conhecerem o tão falado reino.

Chegando ao reino, todos se encantaram com uma extensão de piscina natural, um mar verdadeiramente calmo e de águas bem quentinhas, com uma expansão de cardumes e animais marinhos, um verdadeiro encanto. Não há quem resista ao Reino das Águas Claras de Muro Alto.

Até que o rei Escamado pediu Narizinho em casamento. Os dois casaram-se diante de todo o reinado marinho, junto com a turma do sítio do Pica-pau Amarelo, em uma verdadeira aventura mágica.



Escola Mun. Professor Aderbal Jurema / 1º A / Profa. Natália Mariana da Silva Chagas

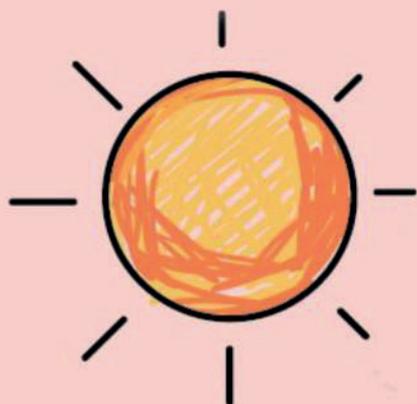


# QUADRINHA

Conheceremos a seguir quatro quadrinhas produzidas por estudantes do 3º ano. A quadrinha é um tipo de poesia popular composta por quatro versos que apresenta linguagem simples, cujo elementos constituintes são o ritmo e a rima, é um tipo de gênero textual bastante usado como recurso didático na fase de alfabetização, pois são composições divertidas e fáceis de memorizar, principalmente pela semelhança sonora das sílabas. Você vai perceber nas produções jogos interessantes de palavras a partir da exploração das nossas praias e do nosso mar. Você pode ler declamando sua estrofe e até cantar seus versos também! Brinque com as quadrinhas dos nossos estudantes!

## A Escolinha do Fundo do Mar

Rayane Beatriz da Silva Alves



A primeira escola criada  
No mar de inspiração  
Foi na Praia de Serrambi  
Com o professor Camarão

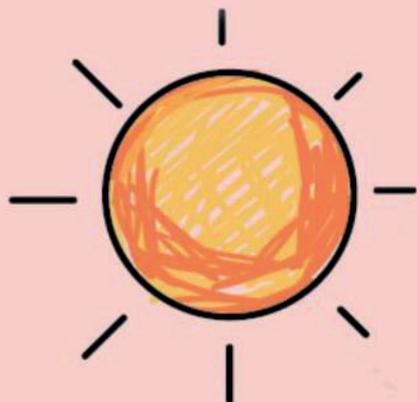
Escola Mun. Maria Teresa / 3º A / Profa. Conceição Naide de Jesus Francisco



# QUADRINHA

## Encantar

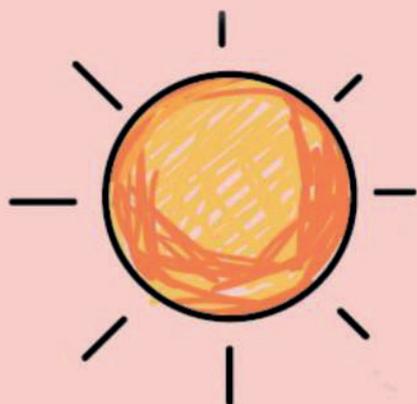
Jhenifer Rillary de Albuquerque



Ipojuca, tão linda  
Com suas piscinas naturais a desfrutar  
E o Pontal de Maracaípe  
Com seu lindo pôr do sol a encantar

Escola Mun. Jesus Nazareno / 3º G / Profa. Marilene Maria da Silva Lira



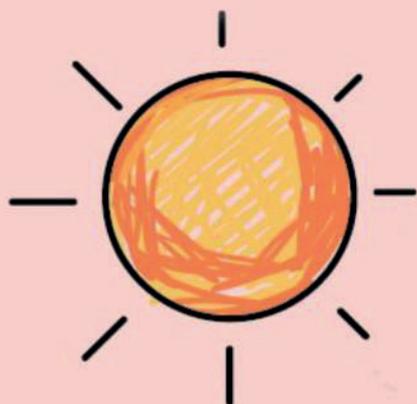


Areia no pé  
E cabeça no mar  
A praia é minha vida  
Meu amor e meu lar



## A Concha do Mar

Ana Clarice do Nascimento Marques



Minha concha do mar é tão linda  
Me faz tão bem te olhar  
Gosto de brincar com você  
Amo sua beleza na areia do mar

Escola Mun. Maria José Ferreira de Oliveira / 3º A / Profa. Lucivani Maria Da Silva





# POEMA

Nas páginas a seguir, conheceremos as produções selecionadas na categoria poema — gênero que possibilita aos estudantes o contato com formas sofisticadas de expressão artística por meio das palavras. O poema proporciona a escritores e a leitores o deleite dos mais diversos usos expressivos da linguagem a serviço da sensibilização e do embelezamento das realidades que nos circundam.

Estudantes do 4º e do 5º ano, bem como da EJA fases I e II, nos mostraram que o “brincar” com a escrita confere ao texto o tom leve necessário para encantar o leitor sobre qualquer temática e, sendo o mar o centro de todas as reflexões feitas nesta coletânea, os poemas nos conduzem a mergulhar em suas profundezas com satisfação. Trabalhar o poema com sujeitos que seguem descobrindo o poder da leitura e da escrita enquanto instrumento de desvelamento do mundo é promover, inclusive, potência de ação para que possamos ver com os nossos próprios olhos aquilo que é descrito no papel. Ambos os grupos — os que escrevem e os que leem — recebem esse presente.

## Meu Lindo Pontal de Maracaípe

Caleb Antony Galdino da Silva



Meu lindo pontal de Maracaípe  
paraíso criado por Deus  
Onde podemos aproveitar com a nossa família  
as maravilhas que ele nos concedeu

No pontal de Maracaípe  
tem muito a se aproveitar  
Estando em contato direto com a natureza  
e vendo o encontro do rio com o mar

Quando e como poderei agradecer?  
Pelas belezas, oh Deus, que nos deixastes  
para que o Brasil e o mundo  
pudessem conhecer

Então vem comigo aproveitar  
na jangada o passeio começar  
Podemos ver do mar o coqueiral  
e do rio o manguezal

Por aqui vou parando  
vou sentar e aproveitar  
Porque o pôr do sol mais lindo do mundo  
acabou de começar!

Escola Mun. Profa. Amara Josefa da Silva / 5º B / Profa. Daniele dos Santos Chimenes



# POEMA

## Ipojuca, Um Mar de Emoções

Esthefanny Isabela Rodrigues da Silva



Sou Nordeste, nordestino  
Ipojuca, vivo lá  
Sou o verso e o poema  
De quem eu quero amar

Sou poeira de Maraca  
E amante da emoção  
Meu lugar é uma rima  
Que está no coração

Sou Ipojuca, cidade amada  
Querida e abençoada  
O céu é azulado  
E pinta um sonho dourado

Sou Maracaípe, sol e mar  
Vivo sempre a nadar  
Jangadeiro, surfistinha  
Vivo sempre a amar

Sou ipojucano, terra amada  
Nordestino, Lampião  
Sou vaqueiro sertanejo  
Nesse mar de emoção



Escola Mun. Maria José Ferreira de Oliveira / 4º A / Prof. Feliciano Silva

# POEMA

## Um Mar de Belezas

Ana Carla Lanuzia da Silva



De um lugar afastado  
Mar de imensa beleza  
Paraísos preservados  
Repletos de tantas riquezas

Porto de Galinhas  
É uma praia badalada  
Dela guardo fotos  
E lembranças compartilhadas

Maracaípe  
A preferida dos surfistas  
Beleza igual  
Como nunca vista

Serrambi  
Jamais sairia daqui  
Suas piscinas naturais  
Me encantam e trazem paz

Muro Alto, Cupe e outras praias  
Não importa qual se conheça  
Pois o mar de Ipojuca  
Jamais sai de minha cabeça



Escola Mun. Int. Gov. Eduardo Campos / 5º B / Profa. Gilvânia Cristina L. da Silva

# POEMA

## Praia de Porto de Galinhas

Pablo Vinícius João de Oliveira



Porto de Galinhas tem muito esplendor  
Com sua alegria, espalha amor  
Porto de galinhas tem muita riqueza  
Com a água da praia de cor azul turquesa

Os recifes de corais têm fama exuberante  
Com peixes de cores vibrantes  
Grandes riquezas marinhas  
Em Porto de Galinhas

Porto de Galinhas tem muito o que a gente ver  
As piscinas naturais enchem os olhos de prazer  
Diversidade de peixes para a gente conhecer  
Venha você também garantir o seu lazer

As piscinas naturais  
Tornam tudo transparente  
Com praia cheia ou vazia  
Acomodam muita gente



Escola Mun. Ministro Jarbas Passarinho / 4º B / Profa. Elizoneide Barbosa de Araújo Silva

## Ipojuca, Meu Mar

Ivonete Maria dos Passos



Ipojuca, meu amor  
tens belíssimas e ricas praias  
Onde os coqueiros crescem e frutificam  
como em nenhum outro lugar

Porto de Galinhas, o nosso cartão-postal  
com águas transparentes e piscinas naturais  
Rede hoteleira, turismo e centro comercial  
tuas lembrancinhas retratam a criatividade e a cultura local

No mar de Suape, navegam sonhos de um futuro melhor  
O seu parque industrial aquece a nossa economia  
Geram empregos para o trabalhador: o estaleiro e a refinaria  
e o alerta para a nova geração é a necessidade de qualificação

Maracaípe, sinônimo de lazer e diversão  
Em seus campeonatos de surfe, tem muita animação  
Enquanto a praia do Cupe é uma das mais extensas da região  
Serrambi tem o pôr do sol como a maior atração

Escola Mun. Agro Urbana / EJA II A / Profa. Maria José Marques da Silva Filha



# POEMA

## O Mar que Dá

Aldenice Maria da Silva, Bernadete Barbosa da Silva, Cícero Adalberto da Silva, Edvânia Maria da Silva,  
José Inácio Borges da Fonseca, Karolina Maria da Silva, Lenilda dos Santos da Hora, Maria  
Auxiliadora da Silva, Maria Ivaneide de Oliveira, Maria José da Silva, Maria José Regis da Silva,  
Marlene Ramos da Silva e Robenildo Francisco da Silva



Fonte de vida  
Ele dá alimento  
E também dá paz  
Calma e acalento

Fonte de renda  
Trabalho e diversão  
Beleza infinita  
Na imensidão



Escola Mun. Nossa Senhora das Mercês / EJA I / Profa. Janiele Maria da Paz

## Do Meu Quintal

Agnaldo José da Silva, Amara Felipe de Santana, Antonio Severino de Santana, Euza Maria da Silva, Ivone Maria de Santana, Jaqueline Maria da Silva, Joaquim Paz Roberto Filho, José Felipe dos Montes Filho, José Mavial dos Santos, Maria Amelia dos Santos Nascimento, Maria da Silva, Maria Luzia dos Santos Silva, Maria Marinês de Albuquerque, Maria Nadeje dos Santos, Percilia Maria dos Santos, Regina Josefa da Silva Gomes, Rivaldo dos Santos Lopes, Roseli Maria Barreto da Silva, Rosineide Maria da Silva, Severina Vidal de Oliveira, Severino Rafael de Barros, Valeria Maria da Silva e Wilton Francisco Gomes da Silva



Do quintal da minha casa  
Fico a contemplar  
Plantas, flores e montanhas  
E pombos que voam pra lá e pra cá

Mas não consigo deixar de apreciar  
Aquele belo mar  
Mar de pessoas, mar de ilusão  
Mar de sonhos e de imaginação

Do quintal da minha casa  
Eu tenho a sensação  
De que o mar existe  
De sonhos e ilusões

Mar de areia quente  
Mar de água salgada  
Mar de pessoas felizes  
E pessoas amarguradas

De uma coisa tenho certeza  
Que um dia tudo passa  
Tristeza, ilusão  
E o que permanece é o mar da imaginação



## O Mar de Porto, Maracaípe e Eu

Bruno Trajano da Silva e Pamela Ferreira da Silva, Cícera Maria da Silva, Elienai Almeida da Silva, Jenicre do Carmo Alves, José Cláudio Luiz dos Santos, Josefa de Silva, Luciene Moreira do Nascimento, Marcelo Costa dos Santos, Maria dos Prazeres da Silva, Maria Helena da Silva e Nair Francisca de Almeida



Em frente ao mar  
Consigo meditar  
Esqueço do mundo  
Busco a paz  
Ao escutar as ondas do mar

Em frente ao mar  
Com suas águas claras  
Vou ao fundo mergulhar  
Para encontrar...  
Cavalos marinhos e estrela-do-mar

Em frente ao mar  
Com ondas bravas e ventos fortes  
Elas me convidando para surfar  
No mar sonoro, no mar sem fundo  
No mar, mar doce lar.

Escola Mun. Dr. Manoel Luiz Cavalcanti Uchôa / EJA II / Profas. Lais Vasconcelos Ferreira e Márcia Maria da Silva





# MEMÓRIAS LITERÁRIAS

Na seção a seguir, teremos a oportunidade de ler memórias literárias. Esse gênero oportuniza aos estudantes a chance de rememorarem e narrarem suas próprias lembranças ou de entrevistarem pessoas mais velhas de sua comunidade, identificando e valorizando repertórios culturais que contribuem com a trajetória individual e coletiva das tantas realidades que compõem nosso município.

Para além das questões de leitura e escrita, recordando experiências ou conhecendo histórias da população local, os estudantes constroem e consolidam suas próprias identidades de maneira mais viva e efetiva, identificando jeitos de ser do seu povo e refletindo sobre eles na perspectiva do tempo.

Em se tratando de estudantes de 6º e 7º anos do ensino fundamental e da EJA fases III e IV, público-alvo da categoria memórias literárias no II Flipojuca, compreendemos que a produção do gênero representa um importante avanço no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita que será crucial para trabalhos posteriores que envolvam a escrita de textos literários mais complexos.

# MEMÓRIAS LITERÁRIAS

## Memórias de Um Paraíso

Vitória Jocasta Durval Barbosa da Silva

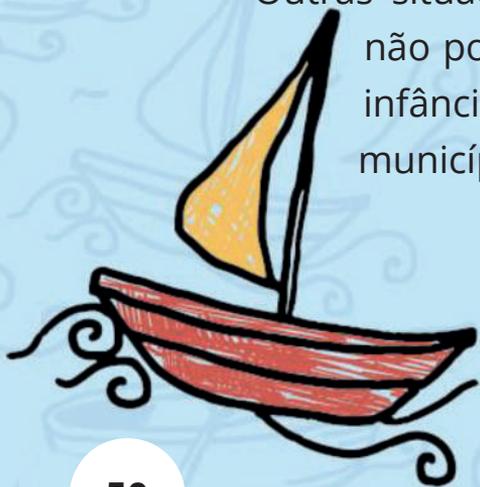
Nos meados dos anos 90, ainda criança, lembro de um refrão tocando no rádio velho do meu pai: “A ciranda acabou de começar, e ela é, e é praieira, segura bem forte a mão. E é praieira. Vou lembrando a revolução”. E assim vamos à praia de Porto de Galinhas.



Nesta época, meu pai já era um músico muito alegre e experiente. Sempre animando os bares e restaurantes da charmosa Vila de Porto: lugar místico, encantador e aconchegante. Eu apenas consigo me recordar de irmos à praia ouvindo “Chico” e na minha mente ficou gravado a primeira vez em que fui à Porto. Meus olhos contemplaram o mar infinito e assustador. Meus lábios sentiram o sal, os meus pés sentiram a areia fofinha, e os meus ouvidos o som das ondas com aquelas jangadinhas coloridas que enfeitam as piscinas naturais daquele paraíso.

Também jamais deixarei de recordar os sentimentos que essa praia me provocou: coisas inovadoras para um ser tão pequeno. E depois essas idas ao paraíso, pedacinho de Ipojuca, meu lar, nos dias de domingo, com muita música e o colorido de todos os quitutes vendidos à beira mar. Raspa-raspa, picolés, algodão doce, milho, queijo na brasa com mel de engenho... Nossa! Isso é o meu lugar!

Outras situações estão na minha memória. Com um pai tão alegre e musical não poderia deixar de ter memórias tão afetivas, vivas e coloridas de uma infância animada e regada a idas a um litoral maravilhoso como o do meu município.



Escola Mun. Pedro Serafim de Souza / 7º D / Profa. Juliana dos Santos de Lima

# MEMÓRIAS LITERÁRIAS

## Somos Herança da Memória

Isllane Mayra da Silva Nascimento

Quando eu era pequeno, eu e meus irmãos morávamos em um engenho. Acordávamos cedo com os berros das cabras, o canto do galo e o barulho das panelas de mamãe.

Tínhamos que levar três vacas para o pasto. Na volta, eu e meus irmãos íamos para o riacho. Gostávamos de construir represas. Ah! Aquele é que era tempo bom.

Mas a lembrança que tenho guardada na minha memória foi o dia em que fui pescar na enseada de Serrambi, porque o mar era nossa fonte de completar o sustento. Eu e meus irmãos éramos adolescentes. Marcamos uma pesca de vara. Nós íamos em quatro. Fomos de bicicleta.

No caminho paramos no mangue para caçar “chié”, um tipo de caranguejo que serve como isca. Feito isso, seguimos o nosso destino. Esperamos a maré baixar. Para chegar no local da pesca, tivemos que atravessar a nado. Começamos a pesca. Neste dia, pegamos muito peixe. A pescaria estava tão boa que esquecemos do tempo. O mar começou a encher novamente e nós nem percebemos. Perdemos o caminho de volta.

Começamos a gritar. Foi desesperador. Conseguimos fazer a travessia com algumas dificuldades. O mar desperta em nós a alegria de poder estar nele para trabalhar e para fazer dele uma fonte de alimentação para nossas casas.



## Memórias de Uma Tarde Especial

Amanda Vitória Henrique de Melo

Carrego na lembrança um dia que ficou marcado em minha mente de criança... Era maré alta. As ondas seguiam em seu interminável vai e vem, quebrando na beira da praia... o cheiro da maresia enchia o ar... Como era maravilhoso desfrutar daquele momento impar!



Durante esse tempo de intenso deleite da natureza local, observei, em certo ponto da praia, próximo às pedras da Praia de Serrambi, um certo grupo de pessoas que se aglomeravam com seus aparelhos de telefone na mão, a registrar um certo animal marinho. Ao chegar mais perto, pude ver que o animal, objeto da curiosidade daquelas pessoas, era uma tartaruga que havia sido trazida para o raso pelas fortes ondas que agitavam o mar naquele dia.

As crianças estavam eufóricas e encantadas. Mas os adultos expressavam grande preocupação, pois a tartaruga é um animal que vive em mar aberto e ali, no raso, certamente ela não sobreviveria... Porém, para o alívio de todos, em questão de minutos, o animal mergulhou na água e foi embora em uma grande onda, deixando aquela pequena plateia surpresa e aliviada.

Assim, aquele momento mágico num instante se desfez: a praia foi se esvaziando. Os adultos voltaram a fazer suas caminhadas e tomar seus banhos de mar. As crianças voltaram a brincar na areia e a catar conchinhas para brincar. Sobrou apenas o pôr do sol, o momento mágico, inesquecível e histórico para as pessoas que estavam na Praia de Serrambi naquela tarde tão especial.



Escola Mun. Mal. Humberto de Alencar / 7º C / Prof. Josenildo Alves de Barros

# MEMÓRIAS LITERÁRIAS

## As Ondas do Mar da Vida: É Preciso Navegar!

Joseilton Antônio de Souza Silva

Ontem, ao cair da tarde, olhando o horizonte pela janela de casa, as recordações de meus melhores tempos invadiram os meus pensamentos, trazendo ao peito muitas saudades!

A primeira casa de minhas lembranças, no Engenho Palma, era um lugar muito simples, uma construção que misturava madeira e barro, chamada de taipa, muito comum nas áreas mais pobres das cidades naqueles tempos. Me lembro de cada cantinho de nosso primeiro lar: dois quartos, um para a minha mãe descansar da lida e o outro ficava para a minha irmã. A mim cabia uma rede colocada com muito carinho e esmero pela minha mãe na sala pequena de casa. Nas noites de inverno, o frio chegava a doer na alma. Não tinha cobertor que dessa conta! Havia fases muito difíceis nessa mesma época... foram muitas noites dormidas de barriga vazia! Ah, mas prefiro as lembranças de quando a comida era garantida! Se fecho os olhos, posso sentir o sabor do feijãozinho de dona Joana, minha amada mãe, preparado no fogãozinho de lenha que ficava num pedacinho de nosso quintal. Ah, que tempo bom! Quão saborosas eram aquelas comidas!

Quando penso em minha infância, e nos seus detalhes mais bonitos, logo me vem na cabeça o cheirinho de goiaba. Essa fruta tem um espaço especial em minhas memórias: goiaba para mim tem cheiro de vó! É que eu chegava na casa de vovó e a brincadeira preferida era subir no pé de goiaba e levar uma a uma para ela cortar antes da gente comer. Ela fazia isso com tanto gosto e com um sorriso no rosto que eu nunca vou esquecer! Que saudades que eu tenho de minha vovozinha!



Foi, num finzinho de tarde de um dia chuvoso, que bateram na porta de nossa casa para dizer que a Usina, dona de todas aquelas terras, estava reclamando o lugar. E foi assim que chegamos à Camela, onde terminamos de nos criar e onde vivo até hoje.

De Ipojuca, ouvíamos falar das belas praias, mas conhecer o mar foi coisa que só aconteceu muito tempo depois. Já um menino grande, na alegria de montar uma bicicleta, arrisquei com meus amigos uma pedalada até a praia mais próxima, que ficava na verdade a boas léguas dali e tem por nome Serrambi. Me recordo desse dia como se o tivesse vivendo agora. Meus olhos não podiam acreditar naquela imensidão verde que se mostrava para nós. Senti uma frieza subindo pelas pernas, uma tremedeira que tomava conta do corpo todo num misto de contemplação e medo. Mas o medo falou mais alto, mas tão alto que saí correndo de lá como o diabo que corre da cruz, e de longe pude ouvir as risadas dos meus amigos, que até hoje zombam de mim por esse episódio. No fim daquela manhã, eu já tinha sido carregado até as belas águas e o medo transformou-se numa imensa alegria, com muitos mergulhos. Esse foi de longe um dos dias mais marcantes e felizes de minha vida!

Hoje, homem feito e vivido, guardo a certeza de que a vida é como aquele mar imenso que um dia me encantou e amedrontou na mesma intensidade e vivê-la é se jogar em suas águas, enfrentando as grandes e pequenas ondas sem desistir jamais, apesar dos medos.

## Imagine Todas As Formas de Amar

Maria Clara da Silva

A primeira vez que fui visitar a Ilha de Santo Aleixo foi uma emoção explodida dentro de meu coração. Sempre foi um grande desejo meu fazer esse passeio. Sempre que ficava a admirar a ilha, da praia onde moro, Serrambi, ficava a imaginar como era aquele tão sonhado lugar.

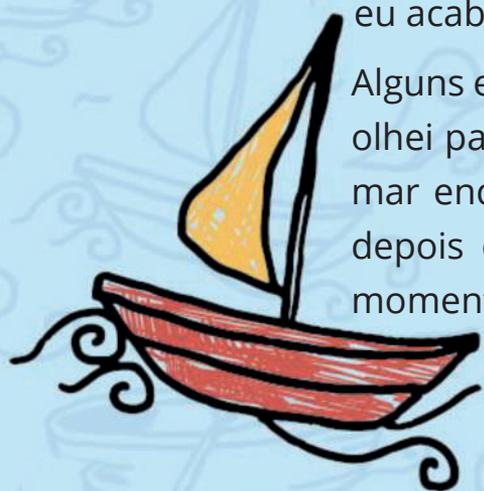


A oportunidade surgiu. Minha família e eu subimos em um barco pequeno naquele imenso oceano que balançava com as ondas bravias que golpeavam a embarcação. Minha família estava tranquila, mas eu era toda medo e susto. Eu ficava a imaginar o que faríamos se uma onda virasse o barco, se havia tubarões ali, o quanto era profundo o mar entre outros perigos. Sempre fui medrosa em relação ao trajeto.

Quando a gente chegou, aí eu fiquei mais fascinada pelo lugar. As águas claras e cristalinas, as pedras que rodeavam a ilha. Até a gente, que é da praia, ficava ainda mais bonita com a felicidade de estar ali. Brincamos muito, tomamos muito banho, jogamos vôlei, queimado, pega-esconde e outras brincadeiras. Meus pais e meus tios organizaram uma churrasqueira e assaram carne, jogaram dominó e beberam bastante. Foi só alegria.

Chegando a hora de voltar para casa, lembro dos mosquitos que picavam minhas pernas, pois minha mãe esqueceu de levar o repelente, mas até isso foi divertido. O barco voltou mais cheio, outras pessoas precisaram voltar conosco. Na agonia de embarcar logo, eu acabei não prestando atenção e acabei pisando em um ouriço.

Alguns espinhos me incomodaram, mas deu pra resolver ainda ali. Na volta, não olhei para trás. Levei as lembranças comigo. Lembro de minha mão alisando o mar enquanto eu retornava e de minha expressão de desejo realizado. Hoje, depois de já passado muito tempo, trago a emoção de ter vivenciado esse momento tão maravilhoso e emocionante.



Escola Mun. Mal. Humberto de A. Castelo Branco / EJA IV / Prof. Jackson B. Monteiro

## Por Amor ao Mar

Maria Estela Alves de Almeida

Ainda muito nova, eu frequentava bastante a praia do bairro em que moro, Porto de Galinhas. Sempre vivenciei as maiores emoções da minha vida naquele lugar. Nadava, corria, conhecia muita gente e também paquerava muito. Numa dessas paqueras, conheci um jovem como eu e, depois de muitos encontros na beira da praia, por descuido e irresponsabilidade, engravidei. Eu tinha apenas quinze anos. Não sabia os limites entre a razão e a emoção. Só atendia o que as emoções me proporcionavam. No mar fui amada, mas esse amor me deixou e levou com ele a tranquilidade no meu lar e deixou o desespero em minha cabeça.



À tarde, lá perto da boquinha da noite, eu costumava falar com o mar e perguntar a ele como pude ser tão ingênua a ponto de tudo isso e, antes que o sol fosse embora, eu mergulhava e me sentia mais esperançosa para um novo dia que viria.

Já com sete meses de gestação, fui à praia com minha família. Tinha muita gente nesse dia. Era época de réveillon e muitos turistas estavam em Porto de Galinhas. De repente, ao meu lado, vi um lindo jovem que, pela sua cor e aparência, não era brasileiro.

Ele me olhava constantemente e veio até mim, mas eu não compreendia nada do que ele falava.



Uma outra pessoa que estava com ele entendia um pouco o português e falou que ele me achava muito linda e tal, mas eu expliquei toda minha situação e o dilema que estava passando. Ele, não se incomodando com minha versão, propôs que eu fosse embora com ele. Eu, de cara, achei uma grande loucura. Como alguém que eu tinha visto ali haveria de fazer uma proposta daquela e ainda mais no estado em que me encontrava. Ele falou que, no dia seguinte, se eu estivesse no mesmo lugar no horário combinado, iria embora com ele.

As emoções de antes voltaram a fervilhar minha cabeça. Depois de ter dito isso, ele falou que iria embora e que no dia seguinte estaria lá para me levar com ele. Fiquei mais uma vez a conversar com o mar e a pensar naquela proposta que parecia incrível. Mas as águas do mar me fizeram refletir em minha situação passada e, talvez por medo, não compareci ao encontro. Não dei ouvidos às emoções. Talvez eu tenha perdido a oportunidade da minha vida, ou talvez tenha sido melhor o privilégio da dúvida. Mas, enfim, o bom mesmo foi ficar com o mar, meu grande confidente.

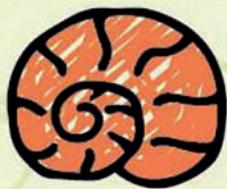


# CRÔNICA

Nesta seção, teremos o privilégio de acompanhar os pontos de vista de três estudantes acerca de cotidianos ipojucanos por meio da leitura de suas crônicas. A leitura certamente dará a todos nós a chance de refletirmos acerca de aspectos que nem sempre acessamos, tamanhas são as diferenças de realidade que se fundem dentro de um mesmo território físico.

A crônica é um gênero textual que pontua fatos, por vezes, julgados como simples e corriqueiros, mas que podem ser fonte inesgotável de reflexão. Os textos que conheceremos a seguir foram criados por jovens escritoras do 8º e 9º anos que estão a caminho de uma importante finalização de ciclos, tendo felizmente alcançado níveis maduros de escrita.

Dar voz a sentimentos e diferentes tons a situações aparentemente simples nos faz lembrar que nem sempre — ou na verdade quase nunca — vemos a vida com os mesmos olhos. E nem precisamos ver. É no dia a dia que temos acesso a visões importantes de si e do outro. Saber enxergar a importância dos pequenos hábitos, aqueles mais rotineiros, contribui para que todos nós possamos nos construir de maneira individualizada e, assim, conseguirmos respeitar aquilo que mais precisa ser respeitado no outro — a sua própria história.



Piso a areia molhada da praia... sento-me sobre ela e observo tudo ao meu redor. Vejo turistas que vieram de longe para desfrutar da linda praia de Porto de Galinhas, se lambuzam das melhores comidas do nordeste e experimentam um pouco da nossa cultura.

Olho atentamente para um casal de idosos se divertindo no mar como se fossem adolescentes, colecionando momentos. Observando essa linda cena entre os dois, automaticamente meus olhos se enchem de água e felicidade por ver que existe sim o amor.

Observo também crianças brincando felizes da vida e rapidamente lembro da minha infância, de como eu anseio voltar no tempo e não crescer mais. Normalmente, vou à praia para me divertir e aproveitar, mas hoje, quando me dou conta, estou observando tudo ao meu redor. Olhar as pessoas por aqui tem sido bastante divertido. Ou você ri, ou você se emociona, ou se sente constrangida com aquelas brincadeiras entre família.

Vejo uma atendente muito simpática com um cliente. O jeito dela me deu até vontade de comprar uma bola só para ver essa gentileza toda.

Todas essas cenas me deram uma nostalgia de quando era criança. Quando eu brincava no mar e fazia amigos que só ia ver naquele dia. Porém, mesmo assim, me relacionava com eles sem medo e sem receios e desta forma pude conhecer pessoas amigáveis, legais, acolhedoras e educadas.

Muitos acham que momentos de felicidade estão apenas em casas, carros e dinheiro. Na verdade, a realidade é que a felicidade está nas coisas mais simples da vida, como sentar na areia, sentir a água cristalina e salgada do mar escorrer em nossos dedos e colecionar momentos lindos e incríveis com quem amamos.



**Mar de Conscientização**

Joana Sofia Barbosa Silva



Em uma tarde ensolarada, um casal caminhava na beira do mar, na Praia de Toquinho, que fica em Ipojuca / PE. Admirando a belíssima paisagem desse lugar, ficaram empolgados para conhecer mais panoramas dessa praia. Durante a caminhada, avistaram um tumulto.

Eram pessoas formando um círculo para observar algo. Chegando perto, conseguiram ver que era uma desova de tartaruguinhas. Bruno e Clara resolveram parar para admirá-las e gostaram tanto que não queriam sair de lá. Um fato curioso é que, após o nascimento, as tartaruguinhas sempre vão ao mar, como se elas já nascessem sabendo para onde ir.

Depois disso, o casal continuou sua caminhada. Assim que andaram um pouco mais, acabaram encontrando uma tartaruga morta por comer uma sacola plástica. Um pouco triste, Bruno resolveu cavar um buraco na areia e colocar a tartaruga dentro. Um pouco mais à frente, observaram que tinha outra tartaruga, só que essa estava presa em uma rede de pesca, e logo foram tentar ajudar. Clara a tirou da rede com cuidado e logo após a colocou no mar.

Ambos continuaram a caminhada, mas ficaram pensativos. Clara, que tem o sonho em cursar biologia marinha, ficou indignada com a situação, e Bruno, por ser uma pessoa muito racional, ficou tão indignado quanto sua namorada. Eles ficaram preocupados com as tartaruguinhas que tinham acabado de desovar, com a poluição dos mares e com os inúmeros animais marinhos que podem morrer em decorrência desses problemas.

O casal de namorados conversou um pouco e decidiu fazer algo a mais, além de só se preocuparem. Resolveram realizar uma ação social naquele local para combater a poluição dos mares. Então, eles recolheram todo o lixo que enxergaram em seu caminho, durante o restante de sua caminhada na praia. Ao final, já cansados, mas aliviados, eles resolveram sentar para ver o pôr do sol e as ondas do mar, até a noite chegar.



Poluição ambiental é coisa séria. Falar sobre isso não é besteira, mas sim conscientização. Imaginem quantos problemas ambientais seriam evitados se os seres humanos fossem mais perspicazes. Então, antes de jogar seu lixo no mar, pense um milhão de vezes, pois você estará prejudicando milhares de seres vivos que ali habitam e por ali circulam, inclusive você mesmo.

Escola Mun. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco / 8º A / Profa. Aline Juliana Vargas de Lira

## O Mar e Eu

Whitney Maria Cavalcante Uchôa



O oceano é transparente; como os homens deviam ser. A primeira vez que vi o mar fiquei tão encantada que os meus olhos se encheram de tamanha admiração.

Um certo dia me perguntei: Como que a água do mar é salgada... e descobri que o oceano contém algumas pedras salgadas e, conforme a água bate na pedra, o oceano fica cada vez mais salgado.

O oceano é interessante...

Bonito de verdade.

Não consigo explicar o quão lindo é. Há seres de diversas espécies vivendo nele: peixes, tubarões, águas-vivas entre outros. Todos são só encanto. Uma beleza exuberante. Quando o vejo, os meus olhos brilham de admiração.

Desde a primeira vez que vi o mar, eu decidi que queria mergulhar. Falei com minha mãe e ela concordou. Esperei com ansiedade aquele momento. No dia do mergulho, eu estava tão animada que chegava a pular de alegria. Quando mergulhei, vi os peixes, os corais e outras espécies de animais. Nadavam em águas cristalinas transparentes; como deviam ser os homens. Pude admirar a beleza do oceano por dentro. Do lado de cá, ele é ainda mais bonito.

Não há coisa mais incrível.

Senti que precisamos preservar.

Como incrível é o mar.

Por que há pessoas que jogam lixo aqui?

Ele não merece isso.

Saí do mar. Voltei para o mundo dos humanos. Os humanos não são transparentes. Saí do oceano, mas ele nunca sairá de mim. Nunca o esquecerei.





# RELATO DE PRÁTICA

Convidamos você a ler agora os relatos de prática de três professoras participantes do II Flipojuca. Tais escritas apresentam as reflexões das docentes sobre as experiências vivenciadas com as suas turmas quanto à execução e resultados obtidos com as atividades de produções de textos literários dos estudantes.

Cada momento das práticas pedagógicas relatadas nos textos das nossas mestras propicia aos leitores a apreciação de trabalhos cuidadosos, sistemáticos e com foco no envolvimento das turmas. Cada fase das atividades realizadas pelos estudantes, sob a mediação das professoras, nos leva a constatar o quanto não seria possível desfrutarmos deste livro, que agora temos em mãos, sem a mobilização, participação e intervenção de todos os professores que aceitaram o desafio de vivenciar as etapas do Festival. Conheça as excelentes práticas realizadas por nossas educadoras!

## O Conto e O Reconto na Educação Infantil

Clécia Rufino de Santana



Este texto busca relatar uma prática vivenciada em uma escola do campo, Escola Municipal Santa Rita, situada no município de Ipojuca/PE. A referida vivência aconteceu em uma turma de pré-escola, com crianças de 4 e 5 anos.

No início do ano letivo, os contos infantis são incluídos no planejamento pedagógico, porque acredito que a Literatura Infantil seja uma excelente ferramenta para promover as condições de aprendizagem, relaxamento e diversão das crianças. Penso que o conto e o reconto são práticas importantes para o desenvolvimento da linguagem oral, permitindo o diálogo e a expressão do pensamento das crianças.

A contação de história é uma prática diária na minha sala de aula. Embora sejam trabalhados diversos gêneros textuais com a turma, as crianças sempre solicitam a contação de história de contos clássicos. Dentre eles, o conto intitulado “Os Três Porquinhos” foi escolhido pela turma para ser trabalhado e apresentado no II Flipojuca e, portanto, será o foco do presente relato de prática.

Ressalto que a sequência didática proposta para minha turma foi planejada de maneira que contemplasse os cinco campos de experiências da Educação Infantil (1 - o eu, o outro e o nós; 2 - corpo, gesto e movimento; 3 - traços, sons, cores e formas; 4 - escuta, fala, pensamento e imaginação; 5 - espaços, tempos, quantidades, relações e transformações) e que garantisse os seis direitos de aprendizagem da criança (conviver, brincar, explorar, participar, expressar, conhecer-se).

O trabalho com o conto “Os Três Porquinhos” foi realizado de março a maio de 2023. Iniciamos o trabalho com a apresentação do livro e a leitura do conto. Após a contação da história, sempre faço uma roda de conversa para dialogar com as crianças sobre a história ouvida. As crianças têm a oportunidade de fazer seu reconto associando a acontecimentos reais, expressam suas opiniões sobre atitudes e comportamentos dos personagens, revelam seus personagens preferidos, os que não gostam e justificam suas escolhas.

Ao longo do mês de março fiz a leitura do conto e incentivei as crianças a fazerem a leitura do livro para a turma. Embora ainda não saibam ler, elas folheavam o livro e contavam a história como se estivessem lendo, imitando a professora. Durante esse período fizemos algumas atividades, como: confecção de máscaras dos personagens, escrita espontânea dos nomes dos porquinhos e do lobo utilizando o alfabeto móvel. Trabalhamos a consciência fonológica, realizando brincadeiras de rimas e de aliterações com os nomes dos personagens e com os materiais utilizados para confecção das casas dos porquinhos. Eu perguntava às crianças: “O que rima com tijolo?”, “O que rima com madeira?”, “Qual palavra inicia com o mesmo som do lobo?”, “Qual criança tem o nome que inicia com o mesmo som de casa?”.

Também fizemos dramatização, possibilitando que as crianças interpretassem os personagens, inclusive que atentassem a mudanças de voz e de postura de cada personagem. Durante a encenação, as crianças tiveram a iniciativa de procurar diversos materiais (emborrachados, cadeiras, livros, tapetes, TNT) na sala de aula para confeccionar as casas dos porquinhos. Outras atividades realizadas pelas crianças foram a modelagem (utilizando massinha de modelar), o desenho e a pintura (individual e coletiva) do cenário e dos personagens. Geralmente, faço o desenho no quadro branco para que as crianças tenham inspiração para fazer suas próprias produções.

Em abril, trabalhei o tema “mar”, para que as crianças pudessem se apropriar da temática e incluíssem esses elementos no reconto. O público com o qual trabalho vive no campo e algumas crianças ainda não foram à praia. Fiz uma roda de conversa com as crianças para saber seus conhecimentos prévios sobre o tema. Para que houvesse uma maior apropriação da temática, exibi alguns vídeos que mostravam o mar e seus elementos, como: Fundo do Mar (Mundo Bitá) e Chuá Tchibum (Mundo Bitá). Confeccionamos uma caixa sonora para representar o mar, com o objetivo de fazer com que as crianças ouvissem o som parecido com as ondas do mar batendo nas pedras. Para a confecção dessa caixa foram utilizados os seguintes materiais: uma caixa (fina) de papelão, conchas para colar dentro e fora da caixa, grãos de feijão para colocar solto dentro da caixa, tinta azul para pintar a parte externa da caixa, peixinhos e outros animais marítimos (pintados e recortados pelas crianças) para decorá-la externamente.

Trabalhei com algumas músicas que tinham relação com o mar, como “Peixinho do Mar” e “Caranguejo não é peixe”. Cantamos as músicas e fizemos uma roda, possibilitando que as crianças entrassem, cantassem e dançassem, fazendo o movimento do peixe e da natação. Nesse momento, foi possível trabalhar alguns aspectos do som, como duração (curto ou longo), altura (grave ou agudo) e intensidade (fraco ou forte). Foram confeccionados dois cartazes. O primeiro representava o fundo do mar. As crianças formaram pequenos grupos e pintaram folhas de A3 com tinta guache azul. Fixamos todas as folhas na parede para montar um único mar. Em seguida, as crianças pintaram peixes, recortaram e colaram no fundo do mar fixado na parede. O segundo cartaz, produção coletiva, foi a representação dos caranguejos. Também foi realizada a pintura, recorte e colagem. As crianças também produziram caranguejos individualmente, utilizando a técnica de pintura das mãos e carimbo do papel.

Iniciei o processo de construção do reconto coletivo em abril. Comecei essa atividade provocando as crianças com alguns questionamentos, tais como: “Onde as casas dos porquinhos foram construídas?”, “Será que os porquinhos só podem morar na floresta?”, “Será que algum porquinho gostaria de morar em outro lugar?”, “A praia seria um bom lugar para construir uma casa?”, “Onde os porquinhos encontram o material para construir suas casas?”, “Onde poderiam encontrar palha e madeira?”.

A partir dessas provocações, algumas crianças falaram que havia um porquinho que gostava muito do mar, que gostava de respirar o ar da praia e que queria fazer a casa de tijolos na praia. E afirmaram que os outros porquinhos também podiam fazer suas casas na praia, porque podiam conseguir palha das folhas do coqueiro e a madeira do seu tronco.

Na sequência, iniciamos o reconto da turma. Num primeiro momento o reconto ficou muito extenso, pois as crianças foram informando todos os detalhes do conto e ainda inseriram os elementos do mar. Na semana seguinte, expliquei às crianças que tínhamos que diminuir o reconto e, para isso, elas precisariam recontar e eu teria que reescrever o texto. Fiz algumas perguntas: “O que é mais importante na história?”, “Onde cada porquinho iria construir sua casa?”. A mediação foi importante nessa construção. Percebi que a maioria das crianças do Infantil IV apresentaram dificuldade para se concentrar na produção do reconto. As crianças do Infantil V se envolveram mais nesse processo.

Finalizado o reconto, solicitei que as crianças pensassem em um título. Inicialmente eles informaram que seria “Os três porquinhos”, mas depois que fiz a leitura do reconto, uma criança do Infantil V sugeriu acrescentar a palavra mar no título. Então, a turma decidiu que o título seria “Os Três Porquinhos e o Mar”.

O cartaz com a colagem que representa o reconto foi confeccionado em maio. As crianças trouxeram conchas, palha de coqueiro, palito de picolé, pedaços de tronco do coqueiro e areia para utilizar na colagem. Utilizamos também diversos tipos de papel para montar o cenário. Todas as crianças se envolveram nessa produção, sendo que cada uma ficou responsável por uma etapa. Elas pintaram e recortaram peixinhos para colar no mar que foi pintado por duas crianças; recortaram e montaram coqueiros, flores e matos; com círculos e triângulos, confeccionaram os três porquinhos, o lobo e realizaram a colagem das casas.

No processo de construção do recorte e da colagem percebi que a maioria das crianças tem evoluído significativamente nas suas produções. Observo que o recorte das figuras é mais preciso e a aplicação da cola tem sido de maneira mais cuidadosa, evitando o excesso.

Por fim, avalio essa prática como exitosa, pois tenho observado os bons resultados durante e depois do processo. Isso acontece porque a vivência com o conto e o reconto tem incentivado o gosto pela oralidade, o desenvolvimento narrativo, o aumento do vocabulário ativo, a melhoria da coerência e da coesão na construção da narrativa e a evolução na capacidade de atenção das crianças. Além disso, o trabalho realizado possibilitou articular diferentes linguagens (oral, gestual, corporal, musical, escrita), contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem das crianças.

## Teimando, Acreditando e Produzindo com A EJA

Ada Juliana do Nascimento



“Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico. A esperança é necessidade ontológica” — Paulo Freire.

A história e os dados recentes nos mostram os desafios — cada dia mais robustos — enfrentados pelos docentes que teimam em trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos: lidamos com problemas que vão desde a carência de políticas públicas destinadas a essa modalidade, passando pela pouca importância que os documentos oficiais, como a nova BNCC, por exemplo, lançam a este público, até chegarmos à baixa autoestima de nossos estudantes e a consequente evasão escolar. Diante desse cenário tantas vezes desolador, seguimos teimando em Ipojuca, mais precisamente neste distrito tão peculiar quanto instigante chamado Camela.

Pelo segundo ano, foi-nos lançado o desafio de participar do Festival Literário do Ipojuca representando a nossa escola com uma produção textual de nossos queridos alunos da EJA. Desafio aceito por mim, era a hora de lançá-lo aos discentes. Com um número maior do que o desejável de estudantes com deficiência grave na leitura e na escrita, não é difícil imaginar que o impacto inicial foi tamanho, levantando questionamentos das seguintes naturezas: “Mas professora, a senhora tem certeza?”,

“Ainda não sei escrever direito, Ada!”, “A maior parte da turma não vai conseguir sair do lugar”, dentre outros. Com o objetivo de minimizar o receio das turmas, expliquei que trabalharíamos em etapas, com calma e respeitando o tempo de cada um, dentro dos prazos que tínhamos para cumprir e que o mais importante seria o processo e a partilha da aprendizagem.

Na primeira etapa desse trajeto, buscamos apresentar o gênero textual e suas especificidades aos estudantes. Com o amparo de equipamento audiovisual, como datashow e notebook, propomos inicialmente que

pensássemos coletivamente sobre o significado da palavra memória e o que ela nos fazia pensar. À medida que cada um ia se colocando, formávamos uma nuvem de palavras no quadro. Vocábulo como “lembranças”, “passado”, “antigo”, “infância”, “saudades”, “recordar”, “lembrar”, “reviver” e “história” foram recorrentes na formação da nuvem nas três turmas em que vivenciamos esse momento. Em seguida, passamos à apresentação do gênero Memórias Literárias e suas características e convidamos os estudantes a perceber a ligação entre as palavras que formaram a nuvem na situação didática anterior e o objetivo do gênero estudado.

Considerando a faixa etária do público da EJA, em ampla maioria formado por adultos e idosos, o próximo passo foi pedir que os estudantes conversassem divididos em equipe de três pessoas e contassem um pouco sobre suas lembranças da infância e adolescência. Acreditamos que o trabalho com a oralidade, sobretudo com os estudantes da EJA que ainda estão no processo de apropriação da escrita, é tarefa fulcral, não apenas por ser parte do currículo, mas por despertar neles a autoconfiança, uma vez que têm a possibilidade de narrarem as suas experiências, ainda que não seja na modalidade escrita, oportunizando que se percebam como parte integrante da construção do conhecimento proposto na atividade e, mais ainda, que “a voz dos alunos jamais deve ser sacrificada, uma vez que é o único meio pelo qual eles dão sentido a própria experiência no mundo”. (FREIRE; MACEDO, 1990 apud BORTONI-RICARDO; MACHADO, 2013, p 167)<sup>1</sup>

Após essa etapa, em que, de alguma forma, através da partilha oral, já haviam rememorado alguns momentos marcantes, solicitei como atividade para casa que tomassem nota dessas recordações no caderno, de forma individual, não sendo esta atividade obrigatória para os que ainda não dominam a modalidade escrita. Na aula seguinte, pedi que voluntariamente alguns estudantes fizessem a leitura de seus escritos em voz alta para a turma. No módulo III, mas também no IV — embora em menor número — algumas senhoras e senhores, ainda sem domínio

---

<sup>1</sup> FREIRE, P.; MACEDO, D. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. In: BORTONI-RICARDO, S.; MACHADO, V. Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito. São Paulo: Parábola, 2013.

da leitura e da escrita, pediram a vez e compartilharam suas memórias através da narração oral. Momento muito interessante e que não permitiu deixar nenhum aluno à margem da atividade. Todos que se sentiram à vontade puderam socializar suas memórias, lendo os seus escritos ou narrando de forma espontânea.

Na etapa seguinte, propomos uma roda de leitura de duas memórias: “Amor que não posso mais viver”, de Thayssa Paiva de Castro e “Da escuridão para o colorido”, de Évelin Cristina Nascimento da Silva, ambos os textos participantes de alguma edição das Olimpíadas de Língua Portuguesa. A leitura foi feita de forma compartilhada, a fim de que todos os alunos pudessem participar, tecer comentários e análises sobre os textos lidos. Ainda com relação a esses textos, dando sequência às atividades, um deles foi projetado no quadro para que se iniciasse uma análise sobre as especificidades do gênero de forma coletiva com vistas à interiorização das peculiaridades e das marcas a ele inerentes.

Iniciamos a aula posterior com uma roda de conversa em que foi solicitado aos estudantes que buscassem em suas memórias a sua relação com o mar. Nesse momento, os mais idosos puderam expor as dificuldades e as alegrias dos tempos remotos, em que, dada a localização do distrito em que viviam e as condições de transporte à época, ir à praia era, para muitos, o grande acontecimento do ano. Ao final desta aula, solicitei que os estudantes produzissem uma memória literária a partir de sua vivência ou a partir da vivência de seus familiares e/ou amigos de mais idade, com quem deveriam dialogar antes de começar a produzir. Uma data foi colocada como limite para a entrega desses primeiros textos.

Passei um final de semana inteiro mergulhada nas lindas memórias dos estudantes. Como já era possível prever, haja vista as demandas diárias desse público e as dificuldades com a escrita, nem todos produziram e nem todos os que produziram escreveram uma memória literária. Seguimos com a correção dos que haviam entregue os textos e a motivação em sala para que os que ainda não haviam produzido pudessem se animar. À medida que os textos corrigidos foram sendo entregues com as indicações do que poderia ser melhorado e que eu ia dialogando individualmente sobre as produções, alguns alunos foram sentindo-se mais seguros para tentar. E outros textos foram chegando, sendo corrigidos, devolvidos, discutidos, repensados, revisados e reescritos até onde consideramos, em conjunto, que era possível ir naquele momento, dado o tempo que foi imposto

pelo concurso. Enfrentamos também — é preciso ressaltar — resistência por parte de alguns estudantes na etapa da reescrita, pois muitos não conseguem enxergar a oportunidade de aprimorar o texto, mas consideram-na apenas como uma correção enfadonha exigida pelos professores. Outros textos não chegaram até mim de maneira nenhuma, mas ainda assim me senti extremamente feliz pelo processo: muitos dos estudantes que não participaram da produção escrita fizeram lindas e valiosas narrativas orais ao longo das aulas.

Chegamos então à etapa final: entregar à coordenação escolar o resultado de nosso trabalho. E assim fizemos. E teimamos mais uma vez! Teimamos junto com os nossos estudantes. Teimamos quando não desistimos sem tentar e sem dar chance para que eles acreditem que podem! São pequenos passos, passos diários, esperançosos passos que não nos permitem desistir de teimar.

## Um Mar de Cronistas

Aline Juliana Vargas de Lira



O presente relato de prática diz respeito ao trabalho com o gênero crônica realizado em duas turmas de 8º e duas de 9º ano da Escola Municipal Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, localizada na comunidade de Serrambi, no litoral de Ipojuca. O conjunto de atividades realizadas foi direcionado à promoção do letramento literário e, mais especificamente, ao desenvolvimento de habilidades relacionadas à produção de crônicas. As ações foram desenvolvidas entre março e maio do ano de 2023.

Ainda no mês de março, demos início ao nosso primeiro momento, que foi direcionado à caracterização do gênero. Para tanto, apresentei aos estudantes as crônicas dos alunos finalistas do I Flipojuca. Nessa circunstância, li as crônicas finalistas a partir do livro físico — que os alunos puderam folhear — e aproveitei para falar sobre o concurso literário e detalhar como foram realizadas as atividades no ano de 2022, quando trabalhei com turmas de 9º ano em outra escola da rede municipal. Em seguida, debruçamo-nos sobre a estrutura composicional do gênero a partir de slides que contemplaram os seguintes elementos: a) aspectos conceituais; b) relação entre os gêneros crônica e notícia; c) as vozes do texto; d) verbos de elocução; e) marcadores temporais. Para a consolidação da aprendizagem, realizamos uma atividade de leitura e interpretação textual da crônica “A outra noite”, de Rubem Braga. Durante a correção coletiva da atividade, além de abordarmos as questões interpretativas, também refletimos sobre os elementos inerentes às crônicas evidenciados no texto de Rubem Braga.

O segundo momento ocorreu em abril e teve como foco a identificação do tom que pode ser impresso na narrativa — bem-humorado, crítico, poético ou reflexivo — por meio da leitura analítica de algumas crônicas. Utilizamos como corpus as crônicas “Face a face”, de Mário Viana; “Catadores de tralhas e sonhos”, de Milton Hatoum; “Regra para uso dos bondes”, de Machado de Assis; e “Alegrias”, de José Falero. Inicialmente, os estudantes tiveram que, em duplas, identificar o tom narrativo de cada um dos textos e, em seguida, justificar suas impressões textualmente por meio da expressão oral. Cabe destacar que essa atividade foi sugerida por uma companheira professora de Língua Portuguesa durante a formação em rede de abril, o que ressalta o caráter produtivo e interativo desses momentos.

A terceira etapa consistiu em ações voltadas à produção textual. Essa atividade foi realizada em duas etapas. Primeiro, construímos conjuntamente dois parágrafos de uma narrativa e, no passo seguinte, os estudantes foram convidados a concluir o texto, dando a ele marcas de sua personalidade. Durante a primeira fase, que ocorreu no formato de brainstorming (chuva de ideias), os estudantes sugeriram detalhes como a quantidade e o gênero das personagens, o espaço da narrativa e partes do enredo. Nesse momento, analisamos de maneira conjunta, e concomitantemente à escrita do texto no quadro, o uso de discurso direto e indireto, de marcadores temporais e de verbos de elocução. Já a segunda etapa foi realizada em casa e os estudantes tiveram uma semana, em média, para sua conclusão. Como é comum nas aulas voltadas à produção de textos, houve alunos que não a concluíram a atividade. A participação foi satisfatória nas turmas de 8º ano, algo ao redor de 60%, e baixa nas turmas de 9º ano, nas quais apenas 30% dos alunos realizaram a conclusão da crônica.

A partir da análise dos textos concluídos pelos estudantes, elenquei os pontos mais frágeis e abordei-os de maneira geral nas turmas. As questões menos adequadas estavam relacionadas à noção de paragrafação, uso dos marcadores temporais e da pontuação usada para marcação do discurso direto, além daquelas associadas à criatividade e à construção do enredo, as quais foram abordadas individualmente com os estudantes. Também foi de forma individual que discorri sobre os pontos positivos da escrita de cada estudante.

Retomamos o trabalho na segunda semana de maio a partir de uma roda de conversa com foco no tema da II Flipojuca — “Ipojuca: um mar de inspiração”. Por razões logísticas, essa etapa envolveu todos os estudantes das turmas de 8º ano, mas, nas de 9º ano, o momento ocorreu na biblioteca da escola e apenas com os alunos que haviam concluído a etapa da finalização da crônica coletiva. Esse momento foi iniciado com a reprodução do som e de imagens do mar. Foi solicitado que os alunos fechassem os olhos e prestassem atenção ao que aquele som os levaria a sentir ou lembrar. Ao término de 1 minuto, convidei-os a falar sobre as sensações e recordações evocadas pelo som e imagens.

Após as falas, o tema do concurso foi mencionado e foi solicitada uma nova produção de texto, que, dessa vez, deveria ser completamente escrito por eles e não poderia escapar ao tema proposto pela organização do concurso. Logo, a relação entre os gêneros crônica e notícia foi retomada, momento em que lemos juntos uma notícia<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/12/actualidad/1547315840\\_622769.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/12/actualidad/1547315840_622769.html)

que tratava da morte do último caracol de uma espécie havaiana e a crônica “Um mundo lindo”, de Marina Colasanti, que igualmente aborda o falecimento do último exemplar de um caracol polinésio. Comparamos ambos os textos, já que um aspecto comum a ambos os gêneros é o foco em fatos do cotidiano, mas com foco específico no aspecto que os diferencia — a linguagem.

Na continuação, vislumbrando inspirar os estudantes a realizarem o mesmo que Marina Colasanti, foram reproduzidos vídeos curtos de notícias sobre fatos associados ao ambiente do mar, todos disponíveis na plataforma Youtube. Eles tratavam de ocorrências como: aparecimento de uma baleia em uma praia do Rio de Janeiro/RJ; ataque de tubarão em Boa Viagem/PE; descoberta de um baú com moedas de ouro no mar de Israel; afogamento no mar de Porto de Galinhas/PE; um recorde relacionado às ondas gigantes de Nazaré, em Portugal; resgate de um brasileiro que ficou à deriva no mar do Caribe; nascimento de tartarugas em Porto de Galinhas/PE; entre outras. A cada reprodução, houve alunos que reagiram com o entusiasmo de quem já conhecia os fatos noticiados e também os que demonstraram surpresa por não os conhecer, mas todos interagiram com o momento. Ao final das reproduções, sugeri que eles se inspirassem naqueles fatos ou em outros que também tivessem relação com o universo do mar para construir suas crônicas, ressaltando que eles deveriam ambientar suas narrativas no litoral do nosso município.

Em seguida, no intuito de aproximá-los um pouco mais da linguagem literária, lemos alguns minicontos em que o elemento mar tem centralidade, como: “O mar e a ferida”, de Gui Louback; “Tarde na praia”, de Lucas Brito; “O mar”, de Leon Cardoso; e “A solidão do mar”, de Heloísa Seixas. Os estudantes demonstraram ter gostado bastante da linguagem figurada e fortemente subjetiva presente em todos os minicontos.

Para concluir, a última etapa da roda de conversa foi direcionada a orientações mais pragmáticas acerca da produção das crônicas. Nesse sentido, exploramos alguns marcadores temporais que podem ser usados para dar início à crônica. Discutimos, a partir de exemplos, a importância da construção de um título conciso e atrativo e falamos sobre a pertinência da escolha de uma frase ou ideia de efeito no desfecho da narrativa.

O processo de modalização das crônicas dos estudantes ocorreu, em menor medida, durante as aulas das semanas seguintes, em momentos não sistematizados em que me reuni com os autores das crônicas e sugeri os devidos ajustes. Porém, a maior interação com os textos e com os autores durante a fase de reescrita ocorreu via Whatsapp, o que evidencia como a dinâmica das práticas de ensino-aprendizagem

inauguradas pela pandemia de Covid-19 se incorporou ao exercício da docência, servindo ao trabalho com a produção escrita, sobretudo nas idas e vindas do processo de reescrita de textos. Ao final do processo, observei que um aluno produziu um conto e outro um poema, ambos enquadrados na temática do concurso literário. Apesar da advertência de que seus textos escaparam à forma estrutural e conceitual das crônicas, seus autores preferiram não fazer as modalizações sugeridas, indicando o desejo de que os textos ficassem no formato dos referidos gêneros textuais. Permiti, pois acredito que são caminhos possíveis do processo de descoberta ao qual a escrita literária pode levar quem se aventura na arte da palavra.

Assim, concluo este registro com a avaliação de que a vivência do conjunto de atividades aqui relatadas resultou bem-sucedida, à medida que atendeu ao planejamento inicial e ao objetivo-fim. Apesar do volume de demandas escolares, as atividades contemplaram o desenvolvimento de habilidades nas esferas da leitura e da escrita, mas também abrangendo o eixo da oralidade e da análise linguística, ainda que de maneira indireta e pontual. Da mesma forma, ressalto a necessidade e a importância de a escola pública fomentar o letramento literário, diante do já conhecido desafio de formar leitores de textos mais densos que os que circulam na superfície das redes sociais. Finalizo com a convicção de que esta proposta atende ao dever da escola pública de possibilitar aos estudantes a oportunidade de assumir outras funções como usuários de sua língua materna e outros papéis sociais que ampliem sua formação humana. Ao articularem sua linguagem em função da narratividade, da criatividade e da imaginação, os autores das crônicas produzidas lograram ocupar um espaço provavelmente inédito: o de cronistas de seu tempo e senhores de suas próprias palavras.

# FICHA TÉCNICA

## **INICIATIVA**

Prefeitura Municipal do Ipojuca  
Prefeita Célia Agostinho Lins de Sales  
Secretaria Municipal de Educação  
Secretário Municipal de Educação: Francisco José Amorim de Brito  
Secretário Executivo de Educação: Edvaldo da Silva Medeiros  
Diretora de Desenvolvimento do Ensino: Karla Crístian da Silva

## **COORDENAÇÃO DO II FLIPOJUCA**

Ana Catarina Lemos Cabral  
Ana Célia Feitoza Guimarães  
Ana Cleide da Silva  
Juliana Lemos Marinho da Silva  
Silvana Gomes Nascimento

## **COMISSÃO JULGADORA**

Ana Catarina Lemos Cabral  
Ana Célia Cordeiro de Lira  
Ana Célia Feitoza Guimarães  
Ana Laura Ferreira dos Santos  
Edilena Ferreira da Silva  
Eliete Maria Lins  
Evana Izabely Ribeiro de Souza  
Flávia Barbosa de Santana Araújo  
Francisco de Assis Castro de Carvalho  
Gabriella Veríssimo Dantas Rameh  
José Edson Bentzen  
José Walmilson do Rêgo Barros  
Joselane Eletânia da Silva

Juliana Lemos Marinho da Silva  
Luciana Ribeiro de Lima Cordeiro Pires  
Márcia Maria dos Santos  
Priscila de Souza Amazonas Reis Cavalcanti  
Vânia Monteiro Silva

### **CAPA E ILUSTRAÇÕES**

Secretaria Especial de Comunicação  
Secretário Especial de Comunicação: Uyapurán Torres Medeiros Filho

### **PROJETO GRÁFICO**

Juliana Lemos Marinho da Silva  
Secretaria Especial de Comunicação  
Secretário Especial de Comunicação: Uyapurán Torres Medeiros Filho

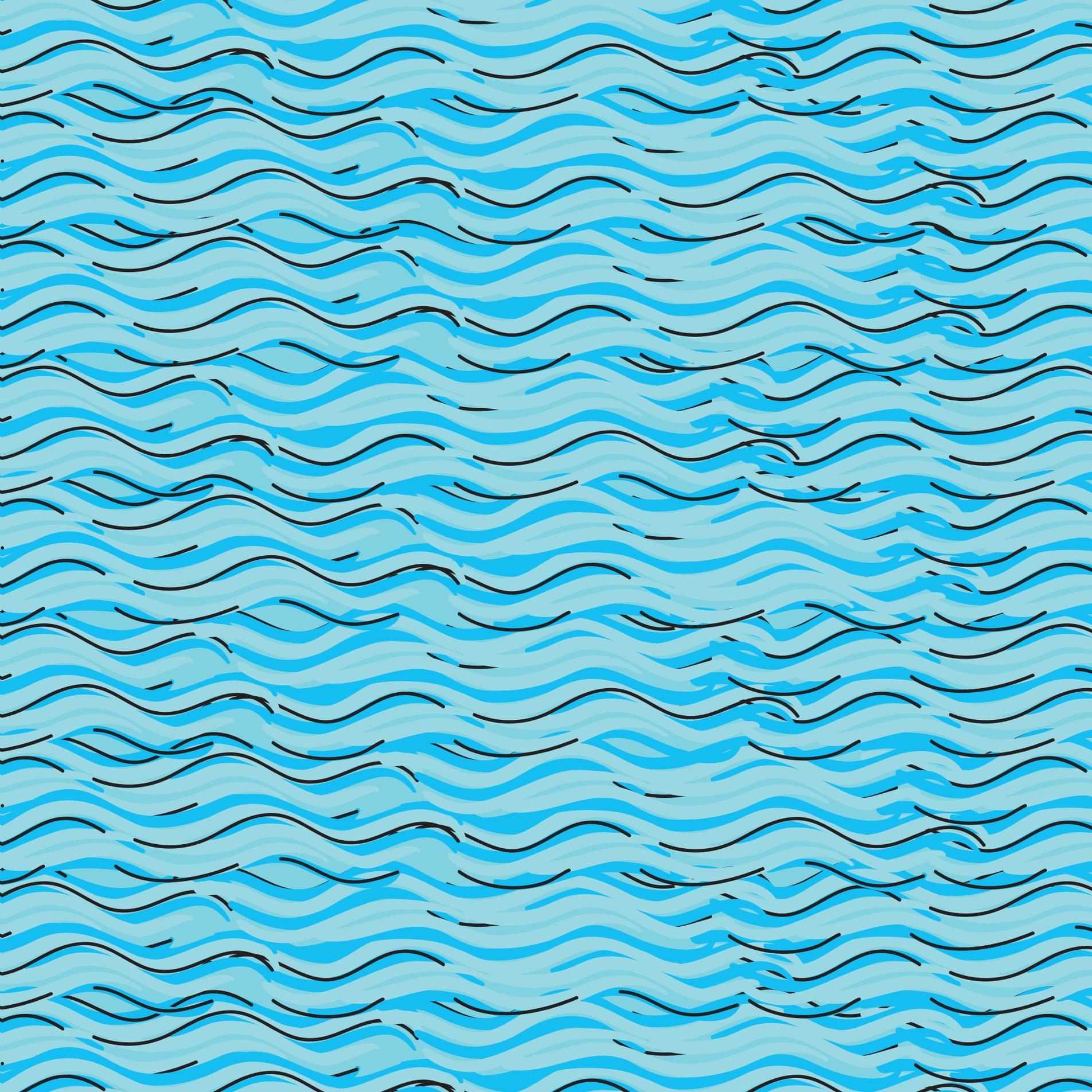
### **REVISÃO**

Flávia Barbosa de Santana Araújo  
Juliana Lemos Marinho da Silva

### **APOIO TÉCNICO**

Alcicleide Maria Santana de Jesus  
Ana Catarina Lemos Cabral  
Ana Célia Feitoza Guimarães  
Ana Cleide da Silva  
Anderson da Silva Matos  
Edilena Ferreira da Silva  
Edilene Henrique Gonçalves  
Edivânia Helena Nunes  
Edjane Aureliano Vieira  
Eliete Maria Lins  
Evana Izabely Ribeiro de Souza

Flávia Barbosa de Santana Araújo  
Francisco de Assis Castro de Carvalho  
Gabriella Veríssimo Dantas Rameh  
Gustavo Augusto Mendonça dos Santos  
Iracilda Ramos da Silva  
Ítalo Moraes de Souza  
Jailson Siqueira da Silva Junior  
José Edson Bentzen  
José Walmilson do Rêgo Barros  
Joselane Eletânia da Silva  
Juliana Lemos Marinho da Silva  
Karine Calado Lins Maciel  
Kleicyane Alves Gomes  
Leônidas Dantas de Castro Junior  
Luciana Ribeiro de Lima Cordeiro Pires  
Lucidalva Maria Valentim  
Márcia Maria de Freitas  
Márcia Maria dos Santos  
Maria de Fátima Camelo Leal  
Priscilla Barbosa Lacerda  
Priscila de Souza Amazonas Reis Cavalcanti  
Rejenice José Silva  
Rosane de França Carneiro  
Silvana Gomes Nascimento  
Tarciana de Paula Silva  
Tayane Lopes de Almeida  
Vânia Monteiro Silva



II Festival Literário

# FLIPOJUCA

Este livro guarda verdadeiros tesouros! Nele estão contidas as produções de estudantes da rede municipal que buscaram no mar, de forma literal ou metafórica, a inspiração para expressar — em prosa, verso e imagens — modos ipojuicanos de ser e de sentir. A 2ª edição do Flipojuca, realizada de março a agosto de 2023, nos encheu de alegria! As práticas em sala de aula, em todas as unidades de ensino, buscaram valorizar a interação das nossas crianças, jovens e idosos com o lugar em que vivem, estreitando seus vínculos com o mar, aprofundando os conhecimentos que possuem sobre seu território e fortalecendo o sentimento de pertença em cada um. Navegue por todos os textos e desfrute a potência criativa dos nossos estudantes!



PREFEITURA DO  
**IPOJUCA**  
CUIDANDO DO FUTURO DE TODOS

SECRETARIA  
DE EDUCAÇÃO